

10

celebru #41

abril de 2009

alê abreu

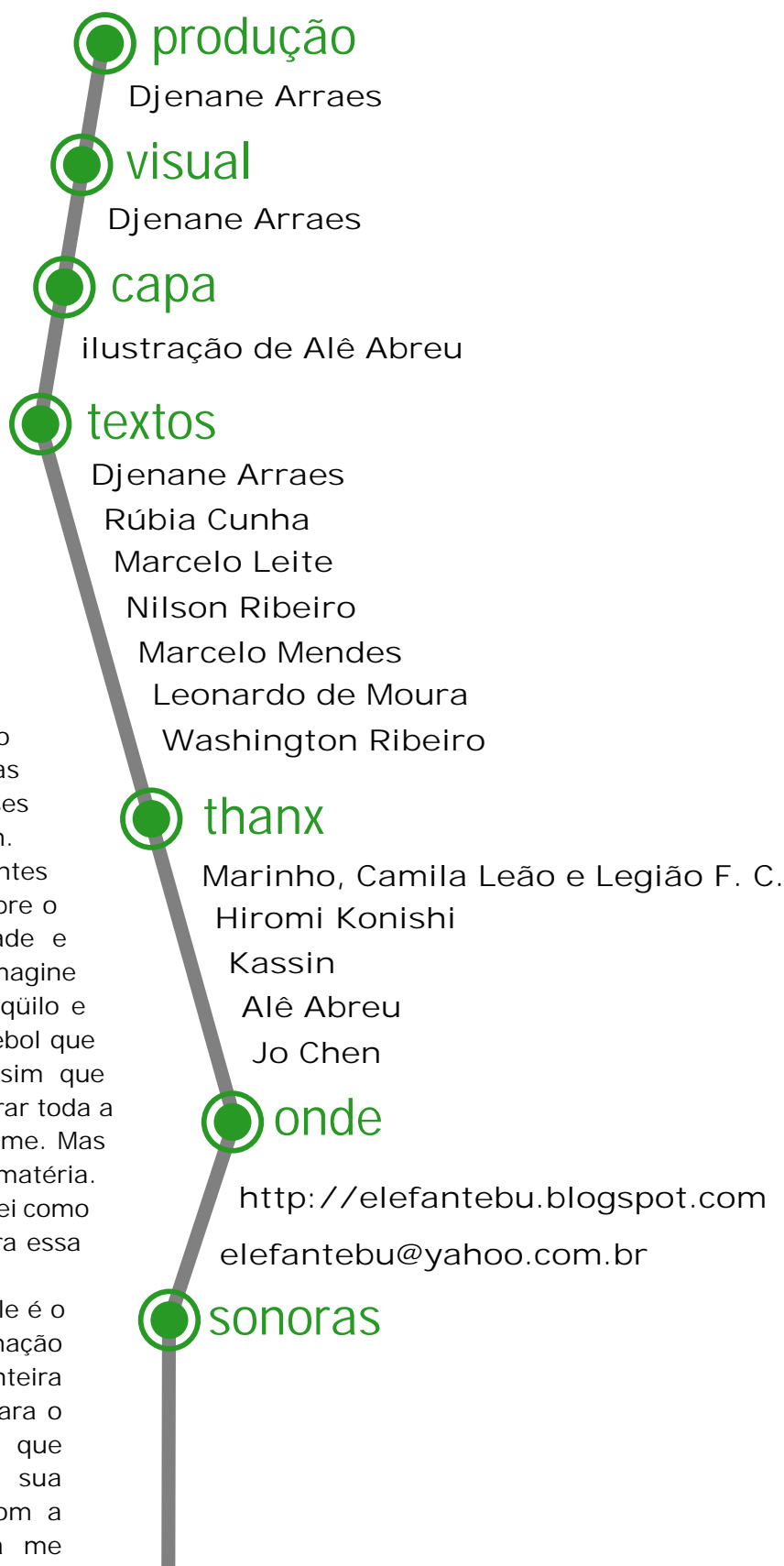
kassin + jo chen + legião futebol clube


Esse é o maior Elebu da história... em tamanho, com toda certeza. E também posso afirmar que é o mais eclético e que teve matérias bem maiores que o normal. Resultado: 34 páginas de conteúdo, quando a média é 26. Não sei dizer exatamente o que aconteceu para esse crescimento. Uma explicação provável é bem feliz, no entanto. Se você reparar bem aí ao lado, verá mais gente que participou da edição com um texto do que agradecimentos. Isso é inédito. Quer dizer que há mais pessoas colaborando com o enriquecimento de conteúdo do Elebu. Sinal que as pessoas continuam a acreditar nesse trabalho.

Destaco o retorno de velhos colaboradores como o Washington e o Leonardo que escreveram, respectivamente, sobre Mallu Magalhães e o filme/quadrinhos Watchmen. O texto do Babaloo... quer dizer, Washington... traz uma outra perspectiva a respeito da cantora. Enquanto a moda parece ser execrar Mallu, ele nadou contra a corrente e adotou uma visão desprendida e sem preconceitos sobre o desempenho da adolescente em cima do palco. Já o Leo mandou muito bem no comentário a respeito de uma das melhores adaptações de quadrinhos que vi nesses últimos tempos. Sinceramente é melhor do que Batman.

Mas música e quadrinhos são assuntos recorrentes no Elebu, certo? Então que tal futebol? A matéria sobre o Legião Futebol Clube foi um misto de oportunidade e curiosidade que revelou ser uma grata surpresa. Imagine você estar caminhando na esteira da academia tranqüilo e calmo, quando começa a entrar todo um time de futebol que acaba tomando conta da academia inteira? Foi assim que aconteceu comigo. No início foi meio chato ter de alterar toda a sua rotina, correr nos aparelhos ao menor sinal do time. Mas logo se enxerga a oportunidade, que no caso aqui, vira matéria. E devo dizer que essa parte foi muito agradável. Já atuei como repórter esportiva por algum tempo e não se encontra essa abertura em times de futebol.

Houve também todo o carinho de Alê Abreu. Ele é o diretor de Garoto Cósmico, que é um longa de animação brasileiro fabuloso, desses que você passa a semana inteira recomendando, mesmo sendo um produto voltado para o público infantil. Destaco a entrevista com Kassin que aconteceu após alguns desencontros e elogio sua tranquilidade. E também a matéria e entrevista com a ilustradora Jo Chen, que eu pensava que nunca me atenderia por ela ser uma artista em plena ascensão no mundo dos quadrinhos. Foram surpresas que não pararam de acontecer ao longo da produção desta edição. Felizmente, todas muito positivas.





Alê Abreu

Mallu Magalhães

Kassin

Legião Futebol Clube

Geração 00 - Rio de Janeiro

Jo Chen

Watchmen

Garoto Cósmico

Diário do Diabo

Slumdog Millionaire

Filmes de terror de 2008

Toddy

Algo sobre Paul

Elebu fase site

Mallu Magalhães: Muito antes do seu primeiro CD

O primeiro show a gente nunca esquece...

Texto e Fotos: Washington Ribeiro

Breve histórico

No final de 2008, sites, revistas e noticiários de fofocas estampavam em suas manchetes o namoro de Marcelo Camelo, 30 anos, vocalista da banda Los Hermanos e a jovem, de apenas 16 anos, Mallu Magalhães. A diferença de idade entre os dois, e por se tratar de uma "adolescente", gerou diversas discussões e debates sobre o assunto. Mas para alguns mais antenados em novas tecnologias como MySpace, YouTube, Twitter entre outros, já conheciam a Mallu Magalhães muito antes dos noticiários globais. Ela trilhou sua carreira de forma peculiar. Ao completar 15 anos, ao invés de escolher entre uma festa ou uma viagem para a Disney, preferiu gravar suas músicas em um estúdio e disponibilizar no MySpace. Impulsionada por *J1* e *Tchubaruba*, Mallu foi sucesso absoluto. Suas músicas foram passando por MSN, Orkut, YouTube e outras vias digitais do mundo

tecnológico.

Novos hábitos

É impressionante como os nossos hábitos e costumes mudam conforme o surgimento de novas tecnologias. Mallu Magalhães trilhou um caminho inverso da maioria dos cantores que procuram o sucesso e pode ser considerada um ícone da sua geração. Canta e compõe em inglês e português com facilidade incrível, além de transitar com facilidade no próprio "dialeto" criado pela sua geração. kskpapkskoas, Aew d boa?, naum xD, pra tuh ô/, vlv por acc, ON pke vo, o-O_O.o e Tchubaruba.

O show

Sem conhecer o trabalho de Mallu Magalhães ao vivo, mas com várias referências de seu trabalho na internet, estava ansioso para assistir sua apresentação. Aguardei pacientemente seu início juntamente com cerca de 200 pessoas, a maioria fãs de Mallu. Depois de 2 horas de atraso, finalmente Mallu subiu ao palco e antes mesmo cantar a primeira música, agradeceu a todos pela presença. Ato que se repetiu durante todo show. E que show!!! Se em suas gravações, seja ao vivo ou em estúdio já tinham uma qualidade evidente, no show Mallu não decepcionou ninguém. Com uma excelente banda formada por Kadu Abecassis - guitarra, Jorge Moreira - bateria, Thiago Consort - contrabaixo e André Lima - teclados, que acompanham de forma perfeita as melodias e harmonias criadas pela cantora. A bateria é forte e pulsante, quase puxando para soul music, mas sempre seguindo a batida folk, seguida pela contrabaixo pesado que parece duelar pela marcação do compasso com a bateria. A guitarra segue as linhas de melodia e proporciona, em alguns momentos solos,



tempo para que Mallu consiga recuperar o fôlego. O teclado completa, de forma linear, a doce e suave voz de Mallu. É realmente uma combinação muito feliz e deixou todos os presentes excitados a cada música.

Aproveitando o show

Sem medo de ser feliz, começou o show, com *You know you've got*, de composição própria, tocando banjo. Na sequência, abriu seu estojo de gaitas, escolheu uma e seguiu tocando *Don't you look back*, *Town of rock 'n' roll* e *Vanguard*, uma das poucas composições em português. Reclamou de dores do pescoço, mas continuou com *Low key* e o *Preço da flor*, outra em português. Quando os primeiros acordes de *Tchubaruba* ecoaram do violão de Mallu, o público foi ao delírio. A música é a mais tocada no myspace da cantora. O figurino de Mallu parece ser composto por ela própria. A pintura do olho direito combinava com aos traços de tinta azul do blaser e do vestido feitos a mão, além de cada músico da banda ter seu próprio desenho no rosto. Até Marcelo Camelo estava com desenho pintado no rosto.

Interagindo

E contrariando as estatísticas, pesquisas e psicólogos que apontam os jovens da idade Mallu como introvertidos e fechado em seu mundo rodeados de tecnologias, a cantora se mostrou muito a vontade no palco. Cantou, conversou com o público, recebeu alguns presentes jogados pela platéia e no fim convocou todos para formar um coral e participar do refrão da nova composição *Going to the beach*. A cada resposta positiva do público, Mallu abria um enorme sorriso e pulava de felicidade com a reciprocidade de seus fãs. "Essa dá pra dançar" decretou e continuou cantando a nova composição e o público já acompanhando no refrão. Depois cantou *Have you ever* juntamente com *It ain't me baby* de Bob Dylan e *I've just seen a face* dos Beatles antes de *J1*, outro grande sucesso.

Sem bis no final

Depois de tocar *Ob-la-di*, *Ob-la-da*, novamente Beatles e *Angelina*, *Angelina*, Mallu anunciou mais uma cover, *Folsom prison blues*, dessa vez de Johnny Cash, e decretou o fim do show. Momento de

tristeza, pois o público não pediu com entusiasmo o bis e a esperança de escutar a música *Janta*, com Marcelo Camelo, que estava presente no local do show, foram por água abaixo. Logo se formou uma enorme fila ao lado do camarim da cantora. Mallu, pacientemente, atendeu todos, com uma simpatia enorme. Minha curiosidade e expectativa foram superadas. Mallu Magalhães é um show no palco. Competente, carismática e provocante. Sem dúvidas, nasce uma nova estrela no cenário nacional e globalizado utilizando de forma inteligente todas as tecnologias disponíveis ao seu redor. Mallu Magalhães tem brilho próprio! Vida longa a boa música!!!

Mais...

...fotos do show:

<http://www.wrbk.com.br/>

...sobre Mallu Magalhães:

<http://www.myspace.com/mallumagalhaes>



produções

kassin Itda.

Entrevista: Djenane Arraes



O que Autoramas, Caetano Veloso, Los Hermanos e Vanessa da Mata têm em comum? Todos esses tiveram trabalhos produzidos por Alexandre Kassin. E não foram discos qualquer. Eles figuram entre os melhores (ou melhor) da carreira desses artistas. Kassin é carioca, multi-instrumentista, produtor, e um inventor dentro da música. Integrou no início da carreira, nos anos 90, a banda independente Acabou La Tequila, que virou uma referência. Hoje é um dos produtores mais renomados da música brasileira, mas ao contrário de muitos, continua a se dedicar a projetos próprios sem medo de ser feliz. O Elebu conversou com ele.

Elefante Bu – Como foi o seu começo lá no Acabou La Tequila?

Alexandre Kassin – O Acabou La Tequila foi uma banda de amigos de colégio, de adolescência. A gente não tinha muita pretensão com ela, mas até por causa disso mesmo foi legal. Era um encontro muito interessante de diversas personalidades musicais numa mesma sala de aula. Então pelo fato da gente estudar junto, conviver, e sermos amigos, dava uma coisa diferente para a banda. De começar a curtir as coisas que outros já ouviam, de cada um gostar de estilos diferentes.

Elebu – Mas o Acabou La Tequila é uma banda dos anos 90 que virou referência. Comparo muito com o que aconteceu com o Little Quail, em Brasília, que era uma febre regional, mas nem tanto no resto do país. Com o Acabou La Tequila foi um pouco assim também, não?

Kassin - Aqui no Rio, hoje em dia, sim. Mas na época, não. A gente tocava em lugares pequenos e não foi algo que passou muito de um determinado ponto. Fizemos um primeiro disco, mas quando chegou a vez do segundo, aconteceu um problema com a gravadora e não conseguimos lançar. Houve uma batalha judicial para conseguir a liberação. A gente não tinha a liberação de fazer um novo disco com o Acabou La Tequila porque éramos contratados da gravadora e ela não colocava o disco na rua. Entramos numa geladeira, ficou um negócio estranho. Foi tudo muito desgastante porque todos tinham aquilo como o projeto principal entre alguns outros secundários. De repente, a gente se viu atuando muito mais em nossos projetos paralelos: eu fazendo trabalhos com o +2, o Marco André no Matanza, o Renato no Canastra. Por causa do não poder fazer, de não conseguir se libertar da gravadora, a banda foi acabando. Mas o engraçado é que ela nunca acabou pra valer. É que a banda parou. Mas todo mundo é amigo, a gente se fala. Não houve uma briga ou algum

lance que a gente dissesse que não ia tocar mais junto. Só paramos mesmo pela falta de uso.

Elebu – Então todas esses boatos da volta do Acabou La Tequila que de vez enquanto surgem, vão ficar assim, só na especulação?

Kassin - Não existe nada contra, nada que impeça. Acho que uma hora vai acabar rolando porque todo mundo tem essa vontade. Mas aí entra que cada um também tem as suas coisas, vários de nós já somos pais de famílias.

Elebu – Curioso como todos esses projetos paralelos, a princípio, fizeram sucesso depois.

Kassin - Até mais do que o Acabou La Tequila. É engraçado como essas coisas acontecem.

Elebu – E como foi essa sua virada para o trabalho de produtor?

Kassin – Ah, eu já fazia isso desde aquela época. Eu não sou músico nato, não tenho essa coisa de tocar, não gosto muito de fazer shows. Eu gosto mesmo é da parada de estúdio. Já na época do Acabou La Tequila era a coisa que gostava mais.

Elebu – Sua carreira de produtor é muito eclética. Você já produziu discos desde o Caetano, até do Wander Wildner, que são pessoas que estão em diferentes patamares na música e até de estilo. Existe alguma diferença quando você trabalha com um e com o outro?

Kassin – Para mim não há diferença alguma. É tudo música. Eu não penso muito em gênero. Penso mais se gosto ou não daquilo. Uma coisa que sempre aconteceu, desde a época do Acabou La Tequila, é que não faço nada de diferente do que fazia antes. O Acabou La Tequila já era uma banda sem gênero

definido. Embora fosse catalogada como rock, não era exatamente uma banda de rock, como se pode dizer que o Autoramas é, por exemplo. O Acabou La Tequila era uma banda de rock com vários poréns. A gente não precisava ser tipo uma peça de teatro, ser uma banda de rock todos os dias. Essa é a coisa que mais trouxe para o agora. Gosto de não ter que ser um produtor de rock ou de MPB todos os dias. Ou sei lá, um maluco da eletrônica. Até porque essas coisas por si só, com o passar do tempo, ficam chatas. Eu não gostaria de passar a minha vida só programando bits de eletrônica radical ou só fazendo MPB. Quero é poder um dia trabalhar com a Adriana Calcanhotto e amanhã ter o Wander Wildner no estúdio, ou o Autoramas. Essa é a coisa que gosto mais do trabalho da produção. Quando se tem uma banda, precisa necessariamente defender aquele trabalho, que já é um pouco amarrado.

Elebu – Então a produção é também um exercício de liberdade dentro da música?

Kassin - Não é exatamente liberdade. Produção é um trabalho que você faz para outra pessoa, mas que me mantém pensando coisas diferentes todos os dias. É uma relação que gosto de ter com a música. Por exemplo, se eu estivesse no Acabou La Tequila até hoje, meus dias seriam de tocar guitarra. E eu gosto de não ter que tocar guitarra todos os dias.

Elebu – Para manter tanta diversidade, você costuma estudar música e pesquisar novas tendências?

Kassin - Nunca estudei muito não. Isso vai acontecendo naturalmente e o modo que vou conduzindo minha vida, faz com que as coisas sejam assim. Sei lá, fiz um disco com o Game Boy... e agora toda vez que sai um programa novo, alguém me liga pra avisar que dá pra fazer uma coisa no Nintendo. Isso é natural, não precisa ficar estudando, o que é muito bom.

Elebu – Passando um pouco a bola para o seu projeto +2, é interessante observar o quanto ele faz sucesso no exterior e nem tanto aqui. Só que não é algo exclusivo. O que se vê é o aumento do fluxo de bandas que precisam sair para consolidar uma carreira, e muitas vezes não existe uma via de volta. Como você analisa isso daí?

Kassin - Acho que é um conjunto de fatores. A profissão que tenho de produtor, só é possível se houver trabalho. Por que, ao longo do tempo, me tornei um produtor com estúdio e trabalhando constantemente? Porque houve a oportunidade. Se

não, poderia estar numa banda, ou fazendo alguma coisa esporádica aqui e ali ou arrumando emprego. Agora calhou de ter essa sorte. Acho que isso tem acontecido com algumas bandas que tem um som que não é totalmente entendido aqui, mas rola fora do Brasil. O +2, por exemplo, quando a gente faz show aqui, só toca nas capitais e volta para o Rio. Nunca fizemos uma turnê porque aqui não tem uma penetração maior. O +2 é muito entre nichos. Para uma pessoa de MPB, aquilo é pesado, e para uma pessoa de rock, aquilo é estranho. Fica no meio de coisas que não tem um público efetivo em cada cidade. Agora quando a gente toca no Japão, Europa, Estados Unidos é uma turnê. Tocamos todos os dias ao longo de três semanas. É o tipo de coisa que não tem aqui. E o fato de haver essa oportunidade, ajuda a banda a continuar existindo e a se desenvolver.

Elebu – Acha que o problema de uma música um pouco mais elaborada não conseguir espaço no Brasil é porque o brasileiro não está tão aberto?

Kassin – Música é especificamente gosto. O tipo que faço não é totalmente absorvido aqui. Mas o Cesar Menotti e Fabiano, que fazem música sertaneja e são ídolos no Brasil, na minha opinião não fariam uma turnê européia. Eu não tenho nenhuma reclamação quanto a isso. Acho que a música vai aos lugares que ela deve existir. É uma opção. É legal que a música que faço chegou a todos esses lugares e sei que ela não é para todo tipo de pessoa e nem tenho expectativa de que seja. Não digo que é o preço que pago por isso, é uma consequência. Acho até que o Brasil é um país muito louco, musicalmente. É um lugar do caralho.

Elebu – Ainda sobre o +2, tem vezes que ele é mais de dois. Já vi versões até com o Diego Medina.

Kassin - A gente gravou ele. Foi bom pra caramba.

Elebu – Ficou um resultado bacana mesmo.

Kassin – Você chegou a escutar?

Elebu – Fiz o download dessa gravação, o Diego disponibilizou tudo na internet. Mas no caso dele, nem foram +2. Acho que foi mais uns cinco!

Kassin - Foi eu, ele, o Moreno, o Domenico e o Pedro Sá. Isso aconteceu durante a gravação do disco do Moreno. A gente tinha alugado uma casa na serra e montamos um estúdio. O Diego veio pro Rio e a gente falou: "pô, estamos gravando numa casa chocante, que tem piscina e tal". Quando chegamos lá começamos a tocar, e como estava tudo montado,

gravamos.

Elebu – Mais espontâneo impossível.

Kassin – É totalmente. Já estava tudo microfonado, tudo certo com o som passado. E comentei: “pô, você está com músicas novas, vamos tocar”. E eram músicas da Vídeo Hits, antes da Vídeo Hits.

Elebu – Esse é um detalhe que chama a atenção, porque ali tem justo as melhores músicas da Vídeo Hits.

Kassin – Sempre fui fã do Diego. Todos nós aqui. Acho que é um dos caras que mais admiro no Brasil. Eu o colocaria tranquilamente no top 10 da música brasileira de todos os tempos.

Elebu – E quem seriam os outros nove?

Kassin - Jorge Ben, João Gilberto, Diego Medina, Mutantes, Tom Zé, Erasmo, Pedro Santos, Moacir Santos, João Donato, Júpiter Maçã. Há e tem a Nação Zumbi. Acho que vou ter que tirar alguém, né?

Elebu – Não precisa, a gente faz o top 11. E teve também a Adriana Calcanhotto no +2. Como foi essa história?

Kassin – Foi muito por acaso. Nessa mesma gravação que o Diego participou naquela casa, teve um dia que estava acontecendo uma festa de aniversário umas duas ou três casas ao lado. Não me lembro agora de quem era exatamente, mas convidaram a gente porque souberam que estávamos lá perto gravando. Chegamos, e lá estava a Adriana, que não conhecia até então. Ela disse assim: “que legal encontrar vocês, vi um show e gostei pra caramba. Foi um dos melhores que já vi”. Eu fiquei imaginando a loucura porque nunca pensei que a Adriana fosse gostar daquilo. A gente fazia um negócio que não tinha muito a ver com o som dela. Ficamos conversando a tarde toda e falamos que tínhamos montado um estúdio numa casa aqui do lado e estávamos gravando. Que se quisesse, era só pintar lá. Ela foi, ouviu o disco inacabado e comentou que estava muito bom. Depois, ela nos convidou para participar do disco dela tocando algumas faixas. Começou uma amizade ali. Um dia fomos fazer um show na Lona Cultural Gilberto Gil em Realengo e a produção pediu para convidar alguém por três músicas. Pensamos na Adriana, que era legal pra caramba. Na época éramos só eu, Moreno e Domenico no palco. E a gente pensou: “cara essa história de convidar fica uma coisa chata, porque ela fica duas ou três músicas e tem que ir embora”. Isso é

horrível pro convidado que nem assiste ao show direito e na hora que começa a ficar bom, acaba a festa pra ele. Então alguém sugeriu, não lembro quem, para chamá-la pra tocar o show inteiro. E nas músicas que não estivesse cantando, ela tocava. Não custava nada tentar, até porque se fosse comigo, me sentiria melhor desse jeito. Falei com a Adriana, que ao invés de entrar e cantar, ficaria conosco o show inteiro. Ela ficou super feliz: “é, mesmo? Pode fazer isso? Quero ensaiar”. E fizemos assim. Tinha momentos em que ela tocava baixo, noutros percussão, violão. A Adriana tocou o show inteiro, como se fosse da banda. Foi muito legal, até porque a gente como trio, tinha momentos que não dava para fazer tudo que estava gravado, havia sempre alguma limitação. Ter mais uma pessoa tocando foi muito bacana. Isso se repetiu algumas outras vezes, e como começou a ficar mais comum, resolvemos fazer um show com música dos quatro, e da trilogia também. E só nós quatro tocando. De vez em quando, esse show rola.

Elebu – Trilogia? Então quer dizer que depois do seu disco, que foi o último, não vai rolar mais o +2?

Kassin - A gente nunca fez o projeto fechado. Não somos uma banda nem um projeto solo. Não sei como vamos continuar, até porque nunca pensamos nisso. Teve um tempo que até cogitamos fazer um disco de banda, mas depois cada um pensou em algo diferente, tinha outros planos. O natural é cada um fazer o seu próprio disco com os outros ajudando, até porque sempre foi assim.

Elebu – E do projeto Artificial? Tem alguma novidade?

Kassin - Comecei a fazer um Artificial novo e estou afim de voltar a fazer coisas eletrônicas. No fim do ano passado fiz alguns shows do Artificial e curti, voltei a gostar. Porque teve uma época que não estava me sentindo bem pela experiência de tocar sem outras pessoas e achava aquilo meio chato. Pra esse disco novo comecei a pensar em novas maneiras em se fazer um show com mais interações. Ano passado fiz uma parceria com uma artista plástica que se chama Lúcia Koch de som com luz que foi muito legal. Tenho planos de fazer algo que tenha essas participações.

Elebu – Fico imaginando o que deva ser um show do Artificial. Deve ser uma coisa muito diferente!

Kassin - É um cara tocando num Game Boy. Normalmente, na segunda música já saiu mais da metade do público. Isso é o normal dos shows, o que já sei o que vai acontecer. A parada que curto desse projeto são os 40% de público que fica está realmente de ouvir.

sonho de menino

Legião Futebol Clube, que faz homenagem à música e poesia de Renato Russo, alimenta sonhos e dá oportunidades a garotos de Brasília com futebol e educação.

Djenane Arraes

Fotos: Djenane Arraes e de Divulgação



O Brasil é o país onde tudo acaba em samba e futebol. Também em pizza, se o campo for o político. Do samba não há do que se falar tamanha é a variedade musical, mas do futebol... o esporte mais popular do mundo às vezes peca pela monocultura das redes e veículos de comunicação. Rapaz, qual é mesmo a razão do Ronaldo, jogador agora do Corinthians, receber uma capa com foto inteira em um jornal de Brasília por marcar um gol? É uma paixão que fica muito além da razão.

Apesar da invasão e dos casos de fanatismo explícitos, é impossível negar o potencial de transformador social que o esporte proporciona em especial a uma população carente. Nesse sentido, o futebol, que é quase uma religião entre os brasileiros, tem todos os méritos e aplausos. Muitas crianças e adolescentes conquistam a oportunidade de brilhar nos campos ou como cidadãos ao ingressar de projetos sociais, trabalhos que existem em todas as partes do país. Em Brasília um que chama atenção é o Legião Futebol Clube.

Nascido em 2001 como *Associação Desportiva e Cultural Legião de Craques*, o projeto concebido por empresários de Brasília – e presidido por Ítalo Nardelli, o Dango – selecionou 25 crianças carentes com aptidão para o futebol para treinar e formar um time amador. Além de jogar bola, elas podiam contar com auxílio jurídico, psicológico, médico, odontológico, etc. Tudo fornecido por profissionais liberais da cidade que simpatizavam com o trabalho. “O Legião tirou garotos de situações críticas e transformou a vida para melhor, inclusive ao arrumar vagas em bons colégios públicos do Distrito Federal”, disse Marinho, auxiliar técnico e trabalhador ativo dentro do projeto social. Ele explicou que a rotina consistia em ir para a 102 sul (quadra do Plano Piloto), onde ficava a base de apoio ao projeto, e a garotada tinha as seguintes atividades: café da manhã – escola – almoço – treinamento – lanche. Claro que se tratando de crianças vindas de todas as partes do Distrito Federal, o projeto também fornecia auxílio para transporte.

O Legião de Craques mantém entre 25 e 35 crianças e jovens por temporada. De todos que já passaram pela escolinha ao longo de oito anos, pelo menos dez permanecem desde o início. Um deles é o jogador Régis, de 19 anos, que foi convidado a ingressar no projeto quando se destacou nos campeonatos de campo de várzea em Samambaia. “Entrar na Legião de Craques me ajudou bastante na minha vida pessoal e profissional. Eles me deram para o estudo e ainda tinha que tirar boas notas para permanecer no

projeto”, disse Régis. Como todo jogador, ele sonha em atuar por um clube tradicional e também chegar à seleção brasileira, mas diferente da maioria, tem os pés no chão e um plano “B”: se a carreira profissional não vingar, ou quando a encerrar, Régis vai cursar a faculdade de Educação Física e continuar o trabalho na área esportiva. Ele que tem o Ensino Médio próximo de ser concluído.

Família Manfredini

O nome “Legião” é uma homenagem à Legião Urbana, banda do lendário Renato Russo. São referências que estão no nome, no escudo da escolinha – que traz a frase “*Legio Ominia Vinci*” (Legião a tudo vence), que figurava em todos os discos da banda, nas canções tocadas em pequenos shows covers nos jogos. O fato mais significativo, porém, foi com o ingresso de dona Carminha Manfredini, mãe de Renato Russo e figura ilustre da cidade.

De acordo com Marinho, dona Carminha abraçou o projeto de tal forma a ponto de ser uma das patrocinadoras no início. Num segundo momento, quando surgiu o time profissional, ela tornou-se a madrinha e presidente de honra do Legião Futebol Clube. “Até mesmo o filho do Renato Russo, o Guiliano, teve uma passagem quase relâmpago no time de futebol como goleiro. Ele ajudava muito a garotada, conversava com eles”, disse Marinho.

O Legião Futebol Clube tem ainda o apoio institucional da Legião Urbana Produções Artísticas Ltda., que detém os direitos autorais e de imagem de Renato Russo e da banda.

Profissionalização

Com o passar do tempo houve, os garotos participantes do “Legião de Craques” começaram a entrar em idade de se profissionalizar e foi preciso criar um time para continuar atendendo às necessidades dos que permaneciam. Foi quando o presidente Dango registrou em 2006 o Legião Futebol Clube na federação do Distrito Federal e transformou o projeto em clube-empresa. “O objetivo passou a visar também a profissionalização. Mas as categorias chamadas de base, que



são amadoras, continuam mantendo o projeto social em funcionamento”, disse Marinho.

Como clube-empresa, o Legião lançou projetos interessantes de marketing como o sócio-empresa, onde os empresários podem se filiar e ter direito a uma série de ações promocionais e de relacionamentos em benefício do negócio. Há também programas de sócio-torcedor com três tipos de programas distintos que dão direito a acesso aos jogos de forma organizada e segura, além de camisetas oficiais e outros benefícios. O time também mantém uma loja na página oficial da internet onde disponibiliza seus produtos com entrega pelos correios.

Sócios-torcedores se divertem em um jogo do Legião



Camiseta oficial n°1 do Legião Futebol Clube



O centro de treinamento também mudou graças às ações de relacionamento empresariais. Das dependências do clube Cota Mil, os jogadores profissionais e os meninos do projeto passaram a treinar em um CT próprio localizado no Núcleo Rural Rodeador, entre Brazlândia e Taguatinga. O projeto do CT foi elaborado e doado por um famoso escritório de arquitetura, onde conta sala de fisioterapia, de imprensa, descanso, refeitório e dormitórios, além de dois campos de futebol de tamanho oficial. O estádio oficial, onde o Legião tem os seus mandos de jogos, é o Mané Garrincha (que será demolido em breve para a construção de outro maior e moderno para a Copa do Mundo de 2014).

São ações organizadas que despertaram a simpatia do público brasiliense que, em pouco tempo, passou a prestigiar o Legião. “Os brasilienses consideram o projeto diferente e inovador, com isso, passaram nos apoiar comum um segundo time. Eu também acho que o Legião tem tudo a ver com a geração de nascidos na cidade, tanto que já conseguimos formar uma torcida com várias faixas etárias e de todas as camadas da população”.

Já o desempenho do time profissional foi relativamente bem no início. A subida até a primeira divisão do campeonato Candango foi rápida, e o Legião chegou a disputar a série C do campeonato Brasileiro em 2008, mas não conseguiu permanecer. Além disso, o time ainda não mostrou forças para superar equipes de maior orçamento e mais estruturadas como o Brasiliense e o Gama.

No campeonato regional deste ano, o Legião não foi bem e acabou sendo rebaixado para a segunda divisão. Procurou contratar, inclusive, o experiente técnico Ricardo Oliveira para escapar da degola. “A única coisa que lamento foi ter chegado já no final desse projeto e numa situação ruim”, disse Ricardo. O fim do projeto que o técnico se referiu foi em relação ao calendário profissional. A equipe do Legião não terá campeonatos para disputar no segundo semestre deste ano e, por isso, entrará de recesso até 2010. Só as equipes de base do programa social vão continuar em funcionamento, logo, os profissionais da comissão técnica e os jogadores que receberem

propostas de outras equipes provavelmente vão deixar o clube.

Talentos tipo exportação

Como todo time profissional, o Legião também retém o passe de seus jogadores. Muitos garotos que passaram pelo projeto hoje são profissionais e atuam em times do Brasil e do exterior. O caso mais emblemático é de Alison, que começou no projeto aos 13 anos, e aos 15 foi convidado jogar no Sport de Lisboa. Segundo informações da diretora de marketing Camila Leão, há outros ex-Legião que hoje atuam em outros países da Europa e Arábia Saudita.

Mas há um adolescente que fez o caminho inverso. O canadense Rolando Hajjar, de 18 anos e apaixonado por futebol, estava treinando na Bélgica quando recebeu um convite do presidente Dango para entrar no Legião. Ele aceitou e ainda deve disputar o campeonato de juniores neste ano. “Vim para o Brasil com o objetivo de melhorar o meu jogo. Eu sei que aqui possui o melhor futebol do mundo e as condições de treinamento nem se comparam com as que tive. São bem mais fortes”, disse Rolando.

O pensamento do canadense não é diferente de nenhum outro garoto que jogue futebol no Brasil. O negócio dele é progredir dentro do país e depois se mandar de volta para a Europa porque tem plena consciência que as condições profissionais de lá são incomparáveis. E quanto à seleção? Até o Rolando tem esse sonho, mas o seu objeto de desejo é aproveitar a dupla-cidadania para atuar na seleção belga. A decisão é puramente pragmática: a Bélgica tem mais tradição e força que o Canadá.

Agora quando perguntado se ele ouviu samba e Legião, disse que os companheiros de time ensinaram dançar pagode e até mostraram músicas de Renato Russo. “Até gostei do som, mas não consigo entender as letras”, admitiu. Fã de rock e música eletrônica, disse gostou muito do forró. A Legião Urbana também é muito apreciada entre os jogadores e membros da comissão técnica, mas a frase mais comum entre eles é a seguinte: “gosto da Legião (Urbana), mas prefiro mesmo é o Legião (Futebol Clube).

O estilo errado

Existe porém um fato estranho no Legião Futebol Clube: o hino em ritmo de sambinha. Camila Leão disse que muita gente faz essa observação e que o hino deveria ser um rock. Algumas bandas da cidade foram contatadas para fazer um hino, mas nenhuma entregou a harmonia até agora. Fica a sugestão à diretoria: faça um concurso entre bandas!

Site Oficial: www.legiaofc.com.br

O atacante Régis está desde o início do Legião

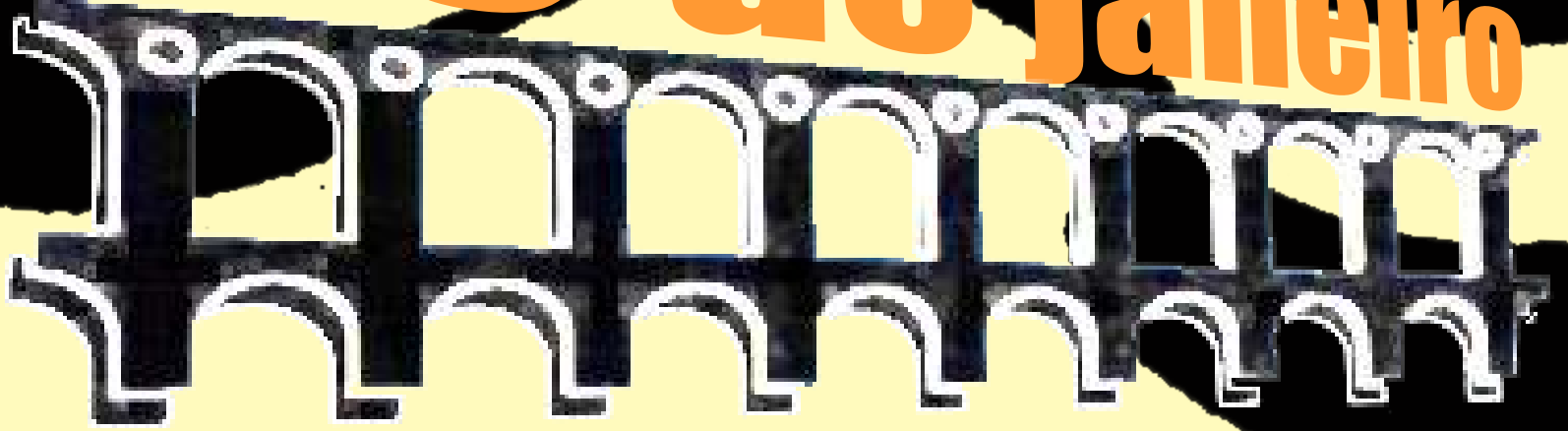


O canadense Rolando quer melhorar seu futebol no Legião



geração 00

rio de janeiro



Amadurecimento de uma década e camaradagem foram ingredientes que fizeram da geração 00 carioca uma das mais interessantes do país.

Diferente da geração brasiliense desta década que se encerra, a carioca passou por uma fase espetacular. Talvez a mais interessante, embora com menos força e visibilidade, desde àquela dos anos 1950 e 1960 que estruturou a bossa-nova e a MPB e lançou a estética mundo afora. Para começar, é do Rio de Janeiro a Los Hermanos, que começou sua carreira depois da segunda metade da década de 1990, mas se caracteriza e teve sua fase mais significativa dentro do contexto desta geração. O quarteto foi responsável pelas únicas cenas de adoração messiânica entre palco e fãs vistas desde Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii, o que despertou sentimentos de amor e ódio explícitos.

Além dos Hermanos, que foi o apogeu do mainstream carioca, muita gente conseguiu destaque em diferentes patamares e nos mais diversos estilos. Na esfera indie/alternativa, por exemplo, é do Rio os Autoramas, e não há nenhuma banda que transita nessa dimensão que seja maior que eles. Entretanto, muitos estão próximos, quase parelhos ao trio mais rrrrock do Brasil. É possível citar a Matanza nesse patamar.

Ainda existem outras esferas a serem consideradas onde os cariocas obtiveram relativo

sucesso, inclusive com certo apoio ou aposta da MTV. Entre eles: Moptop, For Fun e Leela. Também é possível citar a Detonautas, uma vez que eles possuem o mesmo tempo de carreira que a Los Hermanos, que embalou uma geração Malhação. Existe também aquela esfera indefinida onde trabalhos são destacados principalmente por sua qualidade, como a Canastra, Nervoso, e os projetos +2 (de Kassin, Moreno Veloso e Domenico) e Bossacucanova, além da nova geração que compôs a Orquestra Imperial. Não se esqueça também do projeto Lafayette & Os Tremendões de covers que é espetacular. Claro que não será contabilizado aqui funk carioca e os regionais, porque aí a lista seria bem maior a favor dos cariocas e fluminenses.

Existem algumas teorias e explicações para o sucesso dessa geração. A primeira é que a maior parte das bandas citadas tem integrantes amadurecidos nos anos de 1990 em projetos que tiveram respaldo da crítica e também se tornaram pequenas lendas locais. É o exemplo do Gabriel Thomaz, que trouxe consigo a bagagem do Little Quail, de Brasília e ainda contribuiu para o aquecimento da cena indie carioca ao produzir o festival Ruídos. Da lendária Acabou La Tequila, veio Kassin (saiba mais sobre ele na entrevista desta edição) que além do projeto +2, foi peça fundamental para a



virada da Los Hermanos no disco clássico *Bloco Do Eu Sozinho*. Renatinho (que era o vocalista) formou o Canastra, Doninha formou o Matanza (e ainda tocou com a Simone – ex-Autoramas – no Dash) e o Nervoso, bem, ele é o Nervoso.

Nessa geração é possível traçar conexões entre várias bandas e projetos, o que significa que eles formam uma grande turma. Cada um com sua carreira, mas há um diálogo e trocas frequentes ali. Isso é de fundamental importância para o crescimento e o sucesso de uma geração.

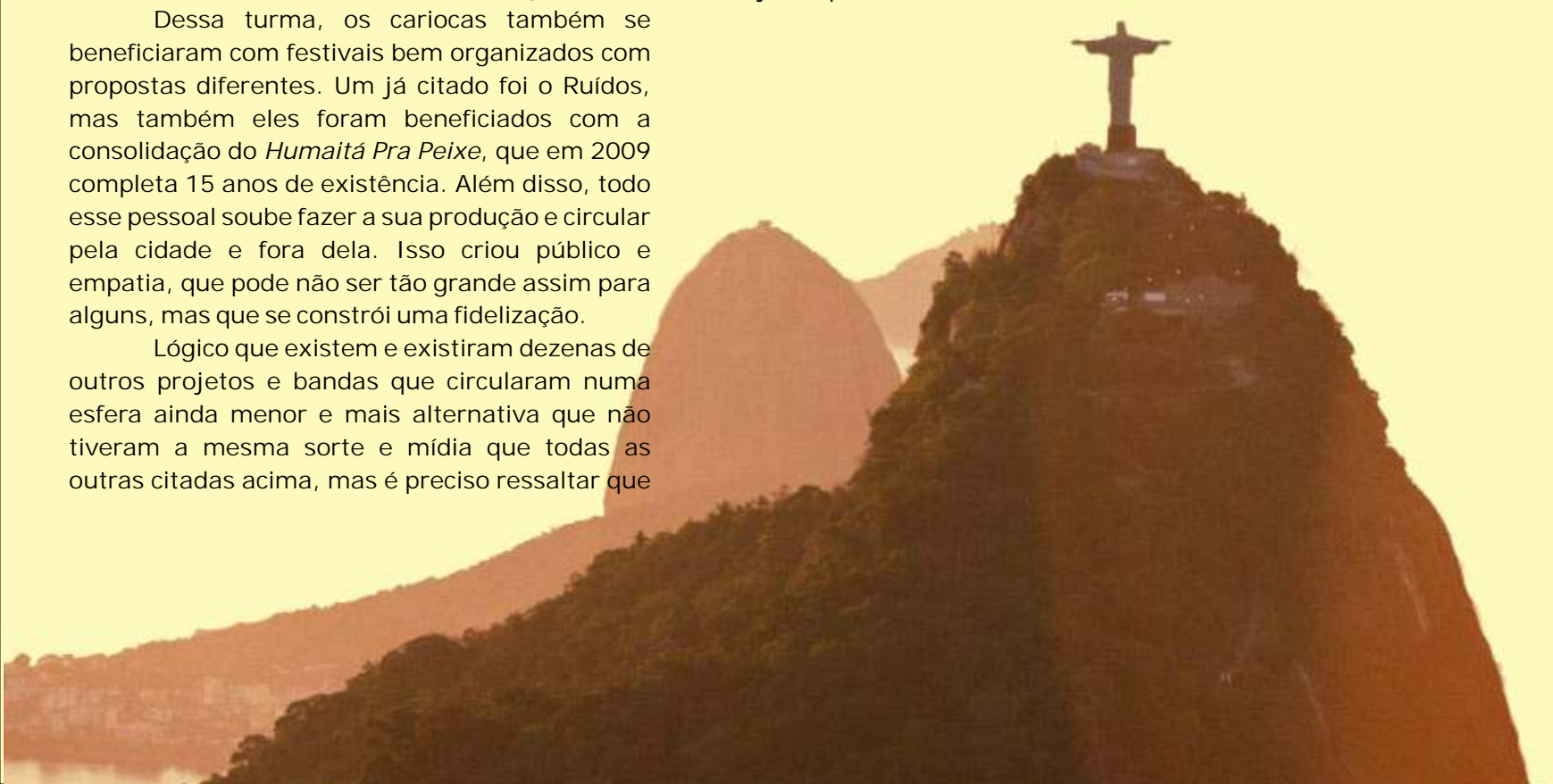
Dessa turma, os cariocas também se beneficiaram com festivais bem organizados com propostas diferentes. Um já citado foi o Ruídos, mas também eles foram beneficiados com a consolidação do *Humaitá Pra Peixe*, que em 2009 completa 15 anos de existência. Além disso, todo esse pessoal soube fazer a sua produção e circular pela cidade e fora dela. Isso criou público e empatia, que pode não ser tão grande assim para alguns, mas que se constrói uma fidelização.

Lógico que existem e existiram dezenas de outros projetos e bandas que circularam numa esfera ainda menor e mais alternativa que não tiveram a mesma sorte e mídia que todas as outras citadas acima, mas é preciso ressaltar que

muitas dessas foram de muita qualidade e que procuram fazer algo diferenciado. Talvez sejam essas pessoas que vão herdar um bom legado deixado para essa próxima década em projetos novos e amadurecidos. [D.A]

Outras bandas da geração 00 do Rio de Janeiro:

Vulgue Tostoi, Zumbi do Mato, Bia Grabois, MIM, Casino, Abaixo de Zero, De Feitos, Latuya, Lasciva Lula, Ramirez, Erika Martins e Telecats, Ouvintes, Noitibó, Luisa Mandou Um Beijo, Supercordas, Pic Nic, entre outros.



é cósmico

Animação brasileira surpreende ao misturar tecnologia e técnicas antigas que resulta numa explosão de cores, sons, poesias e sensações, além de apresentar uma história cativante e literalmente universal.

Quer fazer uma boa avaliação de um filme para crianças? Coloque uma ou algumas para assistir e observe bem suas reações. No caso, de *Garoto Cósmico* (*Garoto Cósmico, Brasil, 2007*) a "cobaia" foi o meu sobrinho de três anos. É um menino habituado ao canal Discovery Kids e que sabe de cor todos os desenhos

e programas didáticos da programação. Queria sentir como seria a reação dele a um produto diferente, para começar, trata-se de um longa-metragem com 1h17. Também eram personagens inéditos, traços diferentes, uma estética que não era familiar.

No início do filme foi meio complicado manter a



atenção dele. Talvez por causa da tonalidade cinza, do ritmo um pouco mais lento, não sei bem. Mas a partir do momento em que as cores e os personagens engraçados tomaram conta da tela, meu sobrinho parecia enfeitiçado, fascinado. Ele ria horrores com expressões como “para parar de rir ligeiro, vagão hortifrutigranjeiro”. Interagiu com os personagens e a história, tocou as músicas em um violão imaginário, dançou, deu muitas gargalhadas. E, para constatar o sucesso absoluto do efeito que *Garoto Cósmico* pode ter sobre as crianças, precisei repetir suas partes preferidas umas cinco, seis vezes seguidas.

O *Garoto Cósmico* – uma ficção barroca-científica que gira mundos – tem direção de Alê Abreu e produção de Lia Nunes. Traz em seu elenco vozes do saudoso Raul Cortez, de Wellington Nogueira, além de participações de Vanessa da Mata, Belchior e Arnaldo Antunes. A história é a seguinte: Cósmico, Maninho e Luna são crianças que vivem dentro de uma rotina robotizada num sistema solar dividido em planetas-departamentos. A ambição do trio era estudar mais para tornar-se “crianças-adultas” mais cedo. Mas ao tentar chegar à escola pela tubulação, acabam se perdendo e parando numa estação espacial. De lá, pegam uma nave

pilotada por um bicho doidinho e vão parar num planeta mexerica dos girassóis, onde o circo de Giramundos (Cortez) estava de passagem. Com ele e os integrantes do circo, as crianças aprendem um mundo diferente, colorido e fora da programação.

Existem mensagens didáticas extraordinárias em *Garoto Cósmico* que dizem respeito a importância da imaginação, da criatividade, de brincar, e que está tudo bem em ser diferente, afinal, “cada um faz seu espelho/ cada tem o seu jeito/ nem todo pé é direito/ nem todo fogo é vermelho”. Pensando bem, são lições muito úteis a nós adultos que, por vezes, precisam ser reforçadas.

O adulto também se delicia com a história das crianças e do circo de Giramundos. E também com as canções, as trilhas que são ótimas. Os traços dos garotos é uma referência direta a Charles Schulz, e a composição dos cenários faz de *Garoto Cósmico* o nosso *Yellow Submarine* mas com pitadas do Clube da Esquina. Atenção para a sequência final quando o vilão é derrotado (sim, existe um porque toda boa história precisa ter o seu). É uma verdadeira apoteose ao mundo lúdico e imaginário que enche os olhos e aquece o coração. Recomendado para todas as idades. [D.A]





POESIAS em imagens

Criador e diretor de Garoto Cósmico, o prêmiado Alê Abreu mostra, por meio de sua obra lúdica e carregada de sensações, ser animadores e ilustradores dos mais interessantes do país na atualidade.

*Texto: Djenane Arraes
Ilustrações: Alê Abreu*

A ilustração da capa desta edição é de autoria de Alê Abreu, diretor de *Garoto Cósmico*, ilustrador e escritor. Ele fez o desenho em questão para o livro *Barco Branco Em Céu Azul*, de Werner Zots. Não entendo de artes plásticas, não tenho olhos de especialista. Só sei dizer se achei bonito ou feio, se a figura despertou algum sentimento ou apenas teve minha completa indiferença. A respeito da ilustração de capa, digo que ela foi escolhida entre as disponíveis no site oficial (www.aleabreu.com.br) porque, além de bonita, despertou algumas impressões. O senhor que olha para o suposto mar traz uma sensação de saudade e nostalgia. Mas não é tão ruim. Saudade dói, mas envolve o amor. Esse moço é sábio, conhece histórias boas de serem narradas à beira de uma fogueira.

Não é o único desenho de Alê Abreu que instigou sentimentos. Olhe com atenção aos demais que ilustram essa matéria e me diga o que sente. Eu vejo utopia, curiosidade, beleza e um pouco de fantasia. Se conseguir extrapolar essa página e procurar outros trabalhos com a assinatura de Alê, vai entender que o leque de sensações que são despertados em seu traço é muito maior. *Garoto Cósmico*, por exemplo, é quase como um cobertor macio onde as imagens aliadas à trilha sonora descansam e confortam.

Alê Abreu é paulista que nasceu em 1971. Ainda garoto fez curso de desenho animado no Museu da Imagem e do Som. De faculdade, cursou Comunicação Social. Hoje faz parte tanto da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB), quanto da Associação Brasileira de Animação (ABCA). Em sua biografia, afirma não se lembrar de quando começou a desenhar. Mora em São Paulo rodeado de CDs, livros, computadores, jornais, tinta, lápis, papel, telas, etc. De suas influências, confessou ser fanático por *Peanuts*, de Charles Schulz, obra cujos traços estão presentes em *Garoto Cósmico*. "Charles Schulz é mais do que uma inspiração. Foi o primeiro trabalho de desenho que me apaixonei como desenhista, quando criança, ainda antes de estudar animação. Em *Garoto Cósmico* é uma influência assumidíssima, quase uma homenagem", disse.

O leque de referências é vasto. Passa pelo filme *Planeta Selvagem* (de René Lauox), Miró, Frida Khalo, Miyazaki (animador do cinema japonês), Paul Klee, Violeta Parra. Para *Garoto Cósmico*, por exemplo, até é possível identificar um pouco da influência de George Dunning e Denis Abey, diretores do filme *Yellow Submarine*. Perguntei a ele se isso procedia. "Acabamos misturando no liquidificador, conscientes ou não

disso, muitas coisas que encontramos ao longo do caminho e nos marcaram de alguma forma. *Garoto Cósmico* é cheio de citações. A própria trilha sonora lembra muito os Beatles, não acha?", respondeu.

As referências saem também do campo visual e entra na literatura, na filosofia e na música. É quando ele também cita entre vários outros, Darcy Ribeiro, Hannah Arendt. "Quando os leio, quase sempre tenho a sensação de estar ao lado deles. De que são meus amigos íntimos. Do Darcy (quanta generosidade e amor se vê em seus textos) a idéia de que o mundo é resultado do homem, de que ele é feito por nós todos os dias. A Hannah Arendt é sempre surpreendente. A partir de seu pensamento entendi melhor as relações entre



esferas pública e privada, e pude situar melhor o trabalho que faço e sua relação tão ambígua com o mercado". E também entram a música e a literatura. Em seu site oficial, o ilustrador relaciona muitos de seus desenhos ali expostos com frases e versos daqueles que gosta. "Música e poesia me estimulam muito a desenhar. As que coloquei no site de certa forma dialogam com imagens que fiz para outros textos. Achei que ficou divertido".

Tem até poesia própria que acompanha o homem com o sol bob a palma de sua mão que está montada em cima de uma outra de Alê Abreu na última página desse texto:

*"A criança é a crença
Não envelhecer significa
Continuar a crer que tudo é possível
Nem que seja só no pensamento
É o direito de sonhar qualquer coisa
Outro mundo, por exemplo*

*Pois antes de mudar o mundo
será preciso pensá-lo
Antes de mudar o mundo será preciso
Conquistar o direito de sonhá-lo*

*O direito ao delírio
Será nossa grande conquista
Nossas Invasões Bárbaras!*

O declínio do império americano de cada um de nós"

Conjunto da obra

O currículo do artista é extenso. Começou a carreira já animado, com o curta *Sírius* (1993). Produziu o documentário *A Luz da Lona*, em 1995, como parte do trabalho de pesquisa que fazia para o seu então futuro longa-metragem *Garoto Cósmico*. Ao longo de 16 anos de carreira, ilustrou livros e textos de muita gente, até de quem já não está mais aqui, como a poetisa de Goiás Velho Cora Coralina e de Mário de Andrade. Disse que trabalha em diálogo com a obra dessas pessoas e que isso é o que justifica a ilustração. "É sua razão de ser. A imagem quando reduzida a mimese ou a pura descrição empobrece a obra. Mas este diálogo deve acontecer em um outro nível, não necessariamente numa conversa telefônica com o escritor. Só ilustro um livro quando sinto que este diálogo é possível, quando um texto pede ilustrações, quando sei que estou preparado para elas".

Não apenas livros de terceiros que ilustra. Os dele próprio também, como *Mas Será Que Nasceria a Macieira?*, em parceria com Priscila

Kellen. "Faço tantas coisas ao mesmo tempo, que as realizações ficam muito misturadas em meu trabalho diário. Desenhos que se transformam em histórias, filmes que viram livros, histórias para filmes... o mais interessante é o momento, o processo. Depois de pronto, é outro tipo de graça". Das exposições foram muitas tantas do seu trabalho como animador, quanto ilustrador. Por uma curiosidade, todas realizadas em São Paulo, menos uma: a do 3º *Salão Internacional de Humor de Foz do Iguaçu*, em 2004.

Cinco anos depois de *Sírius*, lançou *O Espantalho*, um curta de história complexa, interpretativa, da relação entre uma velha, uma menina e um espantalho em um sertão. Além de ganhar prêmios e menções honrosas em sete festivais, essa animação virou também clipe da música *Não Me Deixe Só*, da Vanessa da Mata. "Assim que lançou seu primeiro álbum, a Vanessa me procurou para fazer o primeiro vídeo clipe. Ela queria animação, pois já tinha feito vários desenhos enquanto escrevia as letras das músicas. Mostrou-me um caderno cheio deles, um universo visual muito bacana. Mas na época eu estava bastante mergulhado na produção de *Garoto Cósmico* e não tinha como desenvolver qualquer outro trabalho. Mas ao ouvir a música, percebi imediatamente a relação com o curta *Espantalho* e sugeri a ela a adaptação.



Ficamos muito felizes com o resultado”.

A parceria entre Alê Abreu e Vanessa da Mata também foi estendida até o *Garoto Cósmico*, onde a cantora dublou a personagem da Bailarina. Mas isso depois do longa de animação ter passado por oito anos de produção, um trabalho lento, caseiro. Disse que quando a equipe estava em ritmo alucinante, eles conseguiam filmar dois, três minutos da animação por mês. Alê disse que fez tudo com o maior prazer, no entanto confessou que tinha momentos que quis jogar tudo para o alto. Ainda bem que resistiu bravamente porque é de fato uma obra diferenciada, feita com capricho e, claro, amor. É um trabalho premiado, internacionalmente, inclusive, com o prêmio de melhor filme pelo júri popular no *Festival de Cine dos Pueblos Del Sur*, ano passado na Venezuela.

Entre projetos futuros e em andamento, estão em processo de produção o longa *Cuca no Jardim* e o seriado *Vivi Viravento*. O primeiro é sobre um menino que vive no sertão e vê o pai ir embora para nunca mais voltar. “É a aventura deste menino em busca de seu pai numa mega metrópole do mundo globalizado”, explicou. “Já *Vivi Viravento* é uma menina que viaja com sua avó pelo mundo, registrando em seu diário, a partir de seu olhar lúdico e poético, os lugares que conhece”.

Por falar em lúdico, eis aí uma característica marcante de toda obra de Alê Abreu. “Costumo dizer que venho ao meu ateliê todas as manhãs com a mesma

vontade que uma criança sai para brincar em seu quintal. A linguagem é como um jogo, um desafio. A cada dia a possibilidade de uma pequena descoberta”. E assim, entre sistemas planetários e mundos diferentes, entre a magia do circo e em figuras que estimulam o imaginário que o trabalho de Alê Abreu abre o seu universo criativo, convidando a pensar e a lembrar de belezas e pequenas coisas que esquecemos dentro de um cotidiano intenso e, muitas vezes, caótico. Um pouco de poesia, em imagens ou palavras, não faz mal a ninguém.



estação surreal

Rúbia Cunha

Há pouco tempo, estava eu pensando o quanto estava sendo difícil encontrar filmes trash para dar continuidade a minha diversão sado masoquista. Até tinha cogitado uma sugestão, mas por enquanto manteremos a idéia trancafiada ao fundo do mar, para o bem de minha sanidade e até mesmo da sua.

Curioso? Eu o manterei assim. Mas voltando ao foco de nosso tour, estando sem dinheiro para cavar as minas de ouro das locadoras, qual não é minha surpresa ao que minha televisão abre as sucursais do inferno e me oferece em bandeja de prata o filme *Diário do Diabo* (Devil's Diary, 2007)

O filme canadense do diretor Farhad Mann, buscou misturar os gêneros de terror e drama. Não que tenha algo contra, mas isso se tornou tão lugar comum devido ao cenário ambientado dentro de uma escola. Bom... Quem é que não se lembra da pérola *Mão Assassina*?

O fato é que trotes são sempre trotes e eles podem desencadear uma sucessão de fatos estranhos, que misturam ocultismo com garotas teenages que descobrem poderes sobrenaturais e começam a usar isso para facilitar suas ambições e tornar a vida dos outros um verdadeiro inferno, vide *Jovens Bruxas*.

O fato é... tudo começa com um trote em um cemitério, onde Dominique (Alexz Johnson) inventa para sua melhor amiga, Ursula (Magda Apanowicz), que fizesse um ritual de ocultismo. Nesse momento, qualquer mente sã berraria, "Hellooo! Tem alguém dentro desse cérebro?", infelizmente ela acredita e cai no trote feito um patinho. Claro que há risadas, xingamentos, até um raio atingir uma lápide e tá-dá!!! Eis que surge um livro em capa de couro escuro, que atíça a "tolinha" da Apanowicz para pegá-lo tal qual Gollum com o Um Anel. Juro que fiquei com pompons de torcida organizada, gritando baixinho por conta do horário, para ela falar "Myyy Prrrreeecciiiioooooousss". Droga... não rolou... soquinhos no ar, pois o comportamento dela com o livro/diário, ficou igualzinho.

Na contra-capa, havia alguns dizeres, que incetivaram a menina a desabafar todo seu ódio contra os populares de sua escola nas páginas em branco. "Miraculosamente", seus desejos de vingança começaram a se tornar realidade. "Bom" para ela, péssimo para eles e pior ainda para a amiga que a meteu nessa enrascada. Tá vendo? Quem manda ir para cemitério fazer trote nos



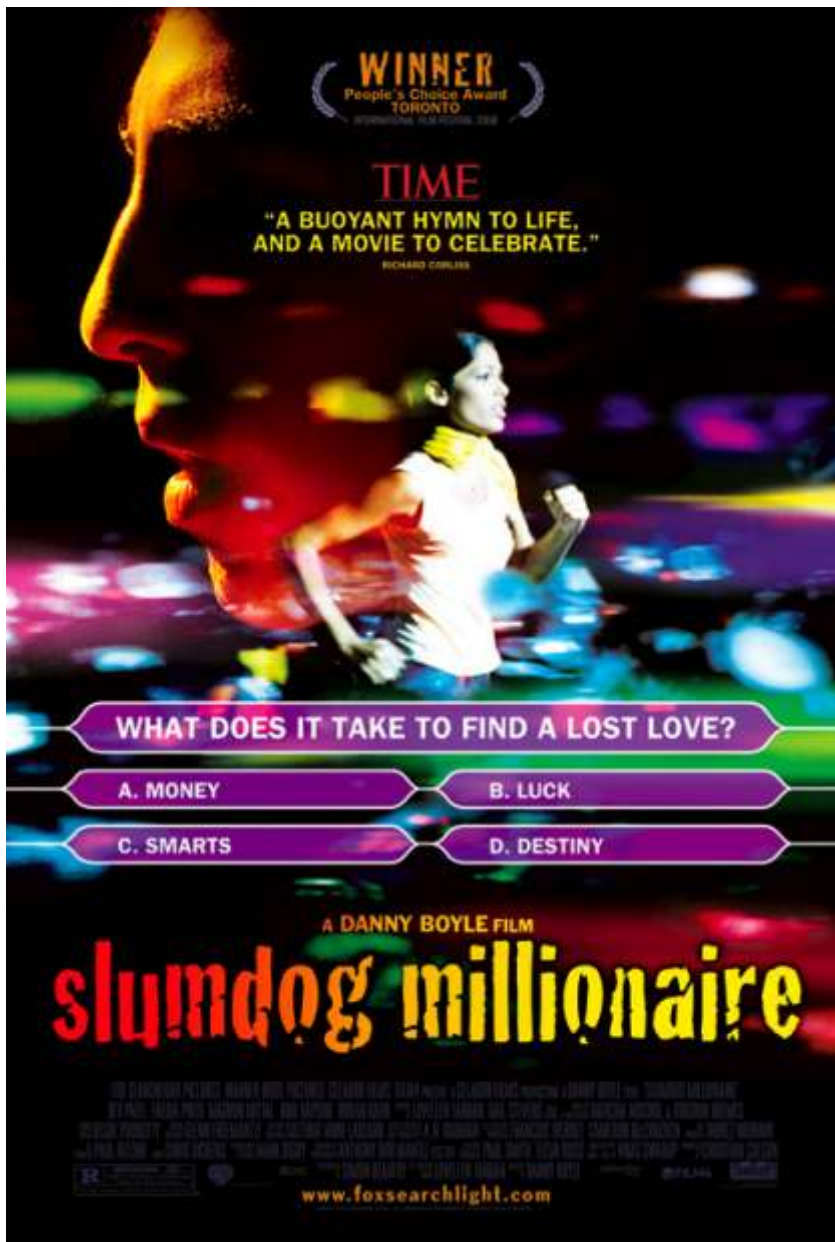
outros?

O problema é que as cenas que seriam arrepiantes, são muito rápidas e mascaradas, não são típicas de um filme *slasher*, onde você vê as veias saltando, ossos ficando a mostra e todos os detalhes sórdidos que arrancam gritos animados da torcida Jason Voorhees, sem contar que há uma falha terrível em uma das cenas no melhor estilo, agora você vê o popular detonado, agora você não vê o estrago.

Pois é... o bacana é que o diário acaba achando a pessoa perfeita para disseminar o mal em escala dantesca, depois de ter sido o "mandante" de todos os crimes imaginados pelos jovens do filme. Uau!!! Quando digo que o catolicismo e seus oradores são os vilões mais bacanas de filmes de terror, ninguém acredita!

Não acredita? Então corra o mais depressa possível para não perder este trem, porque o Diário do Diabo torna seus desejos em uma ordem que devem ser seguidos à risca.

o indiano é melhor



The Curious Case of Benjamin Button é um bom filme. Foi adaptado de um conto escrito por F. Scott Fitzgerald, ou seja, não tinha como os roteiristas estragarem muito porque esse autor tem por característica descrições enxutas das ações e do ambiente, falas concisas. É fácil de adaptar ao cinema. Além disso, *Button* traz Brad Pitt em grande forma, tem Cate Blanchett em uma atuação correta, como sempre. Custou uma fortuna em efeitos especiais sutis. Mas quer saber? Mereceu a derrota de cada estatueta do Oscar para o baratinho *Slumdog Millionaire* (*Slumdog Millionaire*, Reino Unido/Índia, 2008), de Danny Boyle.

Os dois filmes são histórias de amor traçadas em perspectivas distintas. O americano tem como cenário a história do país e grandes acontecimentos no século XX, inclusive ambienta a narração do presente às vésperas do último grande desastre natural, o furacão Katrina. Já o britânico/indiano tem como cenário favelas, dramas urbanos resultantes de uma sociedade desigual, miséria, lixo. No primeiro, filme há o amadurecimento dos personagens. No segundo, o destino e o instinto de sobrevivência norteiam a história. *Button* é altruísta, pouco sua, é lento mas tem humor. *Slumdog* choca e tem cheiro, sangue, suor, lágrimas. O protagonista americano é apenas alguém que compõe uma fábula. O protagonista indiano é uma pessoa que se pode cruzar na rua. *Benjamin Button* é como um belo quadro a ser apreciado; o outro é algo em que a maioria da população do planeta sobrevive.

Por todas as razões citadas é que fazem de *Slumdog Millionaire* algo palpável e muito superior ao seu concorrente não intencional. O drama do garoto Jamal poderia ser o meu ou o seu, ao mesmo tempo em que qualquer um rezaria uma vida inteira para não ter passar pela mesma coisa. Ainda assim, o indiano consegue manter-se íntegro apesar dos pequenos crimes, dos horrores, dos truques ilícitos de sobrevivência. Isso faz com que as pessoas se importem, queiram proteger Jamal. Quem se importaria com Benjamin depois dele? [D.A]

quem tem medo dos melhores filmes

Por Marcelo Mendes

Esse ano eu já vi mais de 30 filmes só de terror, sem contar os de outros gêneros – até porque o que interessa aqui são os filmes de terror –, e a maioria recente, relacionada em listas de melhores do ano passado (2008). Não vou me deter nas datas de lançamento, nem me preocupar com informações do tipo, mas vou fazer uma pequena lista comentada de alguns dos melhores que vi, para registrar apenas – e para quem interessar possa. A lista vai ser ordenada pela ordem em que eu vi esses filmes, ou seja, não se trata de dizer se um é melhor do que outro, nada disso: cada um tem sua graça. Os nomes estão em inglês, porque a maioria deles ainda não foi lançada no Brasil. Vamos aos filmes!

Inside

Esse é francês – mas não se deixe enganar, pois o país do Gerard Depardieu tem gerado muitos filmes interessantes no gênero (*Alta tensão*, *Frontier(s)*... mais algum?). Trata-se de um filme pequeno, com boas atuações e com clima claustrofóbico. Uma mulher grávida sofre um acidente, perdendo o marido. Depois, numa véspera de natal (ou seria ano novo? Não me lembro), ela passa a ser perseguida por uma psicopata – sim, uma mulher sádica maníaca homicida. A cena em que a gravidinha fica presa no banheiro é sensacional – na verdade, toma grande parte do filme. Fora isso, temos bastante sangue, bons momentos de agonia e, como já vimos, uma mulher grávida em perigo, sem contar um parto *sui generis* ao final. Ou seja: é uma beleza.

Teeth

Esse, o tema já foi explorado: a atemorizante *vagina dentata*. No entanto, a forma como o filme foi escrito e a atuação de Jeis Weixler torna a coisa verossímil e atraente. A história pode ser resumida assim: uma jovem daqueles grupos católicos que pregam a virgindade (ela é até palestrante, incentivadora de outros jovens) descobre que sua vagina tem dentes. Mas como? Um rapaz com ela tem saído simplesmente perde a cabeça e força o coito, perdendo, mais uma vez (e dessa vez literalmente) a cabeça. A partir daí, outras situações constrangedoras e assustadoras para nós, homens, acontecem – com ênfase na parte gráfica da coisa. O chato é que o filme traz uma explicação para anomalia: uma usina nuclear atrás da casa da menina. Era mais fácil acreditar que ela havia nascido assim. Mas, no geral, vale à pena.



Alien Raiders

Entre os filmes que comento aqui, esse é um dos melhores. Realmente vale muito a pena pelo universo construído e, claro, pela história mesmo. A produção é bem barata e os atores são desconhecidos. O filme todo se passa dentro de um supermercado e é todo filmado em vídeo digital. Mas criatividade e um bom roteiro, assim como uma direção segura, capaz de criar climas legais, fazem de *Alien Raiders* uma beleza. Em um mercado em uma cidade genérica dos Estados Unidos, que não me lembro qual é, um grupo de pessoas encapuzadas chega matando geral. Não dá pra saber bem o que está acontecendo até a primeira reviravolta: esses encapuzados são, na verdade, os mocinhos – e a cidade está infestada de

es de terror e congêneres de 2008?

alienígenas que usam humanos como hospedeiros. Além disso, um dos presentes é o chefe dos alienígenas e, obviamente, os caçadores do título não conseguem identificar quem. Se fosse recomendar um filme, seria esse!

The Cottage

É uma daquelas comédias de terror cheias de humor negro e cenas entre o engraçado e o escatológico, na linha de clássicos como *Uma Noite Alucinante*. A princípio parece um filme de seqüestro com personagens idiotas, até que eles encontram um maníaco homicida que não se importa com o fato de estar diante de seqüestradores ou seqüestrados. Aliás,

a seqüestrada é tão chata que você torce para que ela morra. Ela é a vilã no começo: antes de encontrarem o maníaco, os seqüestradores, que são dois irmãos, um deles mais atrapalhado e engraçado, são assombrados pela seqüestrada, a filha bastante geniosa de um gangster local. Se você tem um senso de humor meio doentio, esse é o filme.

Stuck

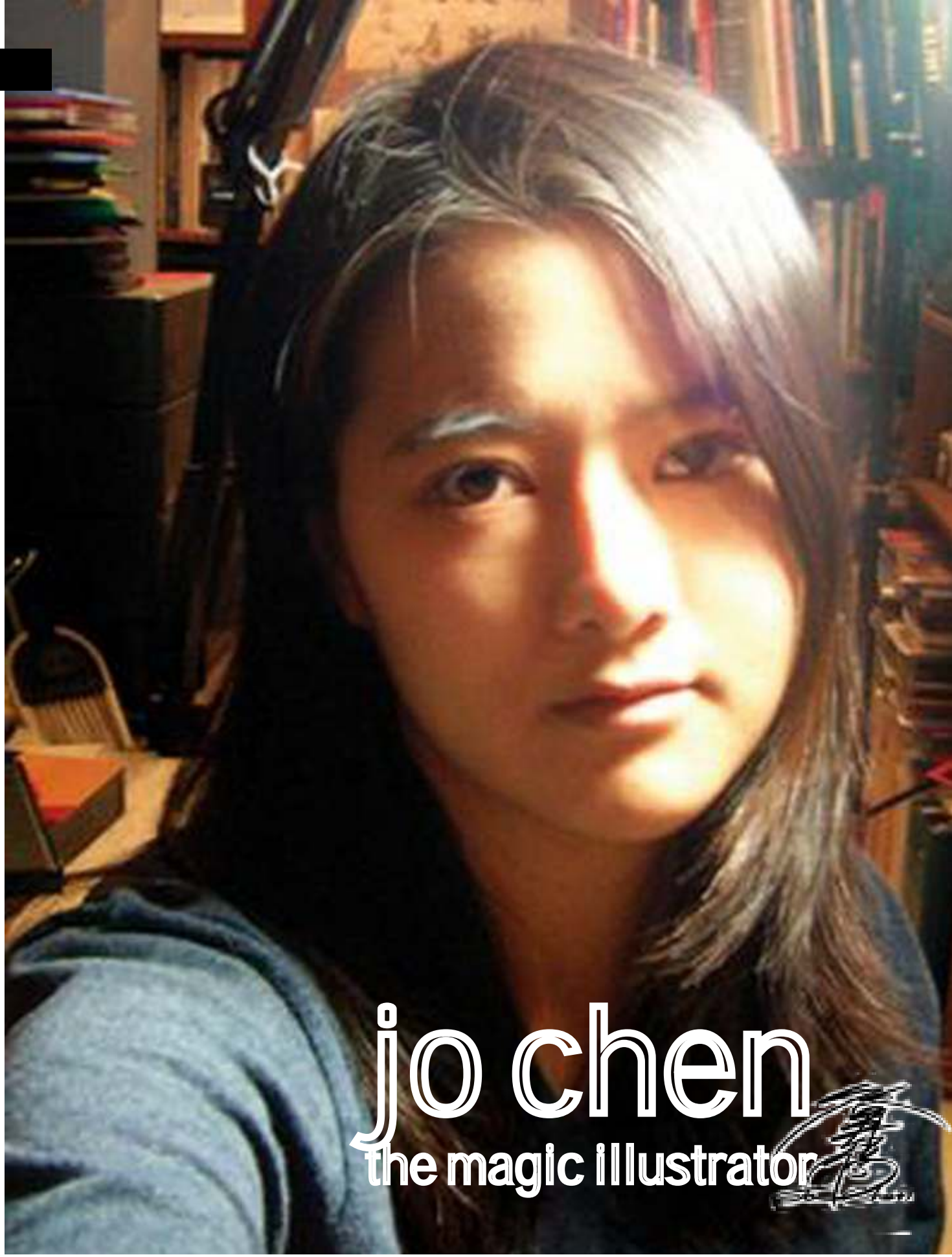
Esse não pode ser considerado de terror, mas apareceu em diversas listas de melhores filmes do gênero pelo fato de ser dirigido por Stuart Gordon – o cara que dirigiu um dos melhores filmes de terror que já assisti na minha vida: *Do Além*, e também o clássico *Re-Animator*. A história é bastante interessante e macabra. A princípio você acompanha duas histórias paralelas: a de uma jovem enfermeira que está prestes a ser promovida, e a de um cara que só está numa maré de azar. O cidadão só se fode, não consegue emprego, é despejado... Os dois se encontram em um acidente de trânsito: a enfermeira, drogada e ainda por cima distraída, atropela o cara que passa o filme inteiro a partir daí preso no pára-brisa do carro dela. Ela que não sabe o que fazer com aquele sujeito ali – que pode, inclusive, atrapalhar sua carreira. Claro: ele continua vivo e pedindo ajuda. O resto? Vale a pena ver. Humor negro, mais sutil que o *The Cottage*, por exemplo, num filme bem interessante (vai um pouco na linha de *Edmond*, outro filme, digamos, mais sério ou mais mainstream do Stuart).

Splinter

Recentemente há uma expectativa entre os filmes independentes americanos de se criar uma franquia de sucesso, como a de *Jogos Mortais*, com pouca grana de muita arrecadação. Dito isso, posso falar do *Splinter*, que é um filme barato, bem barato, que tem duas coisas legais: ritmo e um conceito muito bom de monstro – uma massa de partes de vários corpos humanos que vai em direção a mais comida, melhor dizendo: do calor, em busca de comida. Se vai fazer tanto sucesso quanto *Jogos Mortais*, eu não sei, mas que é interessante e tem uma seqüência já programada, isso é certo. A história é o básico: jovem casal em viagem romântica encontra casal seqüestrador e vão em direção a uma coisa do além, que é o tal monstro. A maneira que ele se move, apesar dos primários efeitos visuais, é bem interessante – e dá para imaginar o que seria aquilo se fosse verdade (ou fosse bem feito). Muito bom.



Djenane Arraes • Jo Chen



jo chen
the magic illustrator



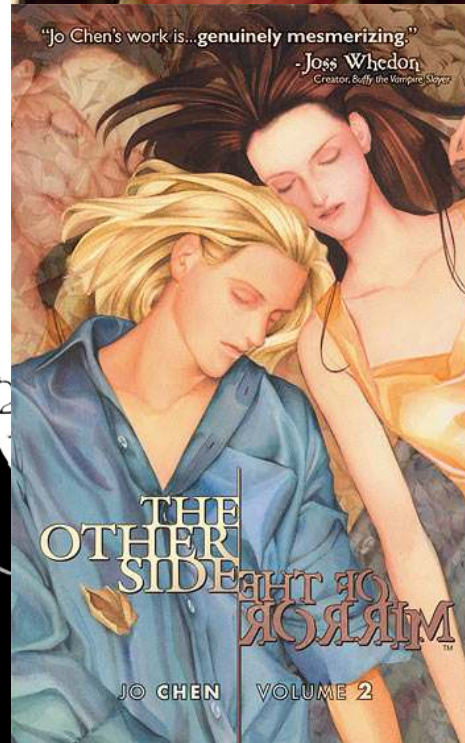
influências universais
da arte

Não pergunte a idade, nem mesmo a faça responder coisas que são encontradas com facilidade pela rede. Com essa advertência em seu site, a ilustradora Jo Chen aconselha um mínimo de pesquisa antes de procurá-la para entrevistas ou em e-mails desses enviados pelos fãs de seu trabalho. E o que essa pesquisa mínima revelaria? Que nasceu no dia 4 de julho, data da independência norte-americana. Por coincidência, é o justo o país para onde migrou em 1994. "Fui para os Estados Unidos porque minha família se mudou para lá", explica Chen. "Meu pai se aposentou e seus irmãos já viviam por lá há décadas. Imigrar foi uma forma de estar perto da família e dar a nós, as crianças, mais oportunidades".

Migrou de Taiwan, onde nasceu, mas não antes de já ter começado a atuar na área de ilustração. Com apenas cinco anos de idade, disse que já fazia planos profissionais. Aos 13, começou a trabalhar de maneira semi-profissional. "Na escola, eu e mais alguns amigos fundamos um clube de quadrinhos com o propósito de lançar nossas próprias histórias. Um membro do clube, Neko, conhecia alguns funcionários da editora DaRan, uma das maiores em Taiwan, que gostaram do que viram e ofereceram ajuda para subscrever a publicação e prensá-la profissionalmente. Meu palpite é que eles estavam preparando alguns de nós para um futuro emprego uma vez que tivéssemos idade suficiente. Dois dos trabalhos que chamaram atenção foram os meus e da minha irmã. Eventualmente, quando Christina e eu fizemos 18 anos, respectivamente, uma outra editora, Tong Li, nos pegou primeiro e contratou".

Enquanto esteve no oriente, seus trabalhos mais famosos foram *doujin* (publicações underground) como C.A.T. "É uma antologia de contos com todos os artistas do clube de quadrinhos, me incluindo, claro. E publiquei *The Other Side Of The Mirror*, um mangá de dois volumes que me custou anos para terminar porque minha família migrou para os Estados Unidos logo no meio disso. Foi publicado em chinês, coreano, italiano e inglês". Isso volta ao assunto inicial, da mudança de continente que foi fundamental para a carreira de Jo Chen. "Mas a gente resistiu a idéia, no entanto", revelou, "Eu perdi uma proposta de trabalho no Japão por causa da mudança. Mas, no final, isso funcionou pra mim. As duas maiores indústrias de quadrinhos do mundo são Japão e Estados Unidos. E se não pudesse trabalhar em um, iria para o outro. Não tive escolha".

O fato é que Chen chegou ao império e ainda preciso superar as diferenças culturais, com a ajuda de amigos e família, para se aclimatar e





ganhar confiança. “Uma das primeiras diferenças foram todas as pessoas obesas; foi um choque no início. Depois tinha os subúrbios calmos americanos; muito assustadores. Taiwan é como Las Vegas: sempre barulhenta. Também tiveram grandes diferenças da forma que as pessoas criam HQs do que estou acostumada. Mas os Estados Unidos é a minha casa agora, apesar de ainda sentir falta de coisas de Taiwan”.

Mangás

A ilustradora toca em um ponto interessante das diferenças que existem entre cada tipo de indústria. Chen vem de um país onde a estética oriental padronizada chamada mangá é o principal produto. Não se pode desprezar que o traço é também um dos mais influentes e rentáveis da atualidade. Ela própria já uma série especial de gibis do *Speed Racer* e faz trabalhos para algumas empresas especialistas em desenvolver games inspirados em mangás, ou com essa estética, como *Street Fighter*.

Os norte-americanos também vêm de uma tradição quase secular de uma forma de arte com traço dos gibis de super-heróis, de certa forma, também padronizado por se tratar de uma indústria consolidada, porém com maior margem para o estilo do desenhista. As diferenças entre os desenhos entre quadrinhos ocidentais feito por artistas diferentes dentro de uma mesma revista, como o *Homem-Aranha*, costumam ser muito maiores do que nas orientais. Esse foi um ponto tocado na conversa com Jo Chen em como entender mangás e encarar uma forma de arte que, afinal de contas, é padronizada, segue o legado do japonês Osamu Tezuka, e representa quase um ideal alcançado por uma indústria de massa desse setor.

Jo Chen se defendeu. Disse que mangá significa apenas história em quadrinhos. “Os ocidentais usam isso como um selo para indicar quadrinhos de estilo asiático, mas tanto faz se é chamado de mangá, manhwa, manhwa, etc, isso apenas significa história em quadrinhos. E sim, é uma arte padronizada e estilo para milhões de asiáticos e de outros lugares. Orientais não compram mangá e dizem 'oh, hoje estou comprando quadrinhos asiáticos'. Eles apenas compram quadrinhos de um estilo que eles desenhavam





e se sentem confortáveis. Você vive no Brasil, certo? Então a sua mãe diz: 'estou preparando comida brasileira hoje a noite'? Não, ela apenas prepara comida. Mesma coisa”.

É uma discussão complexa que entra o ponto de vista do estrangeiro. Minha mãe não diz que faz “comida brasileira”, mas a gente sai para um restaurante italiano, ou francês, ou mexicano. Certo? Contudo, a discussão não é sobre adjetivos. Voltei a fazer a mesma pergunta para Chen, dessa vez com uma pequena explanação para fundamentar melhor. De como entender que a arte de alguns artistas, sobretudo de Osamu Tezuka, transcendeu a simples influência para tornar-se um padrão, uma repetição? Nesse sentido, o conforto se parece mais com comodismo, e até mesmo preguiça, porque criatividade para desenvolver histórias diferentes e cativantes eles têm e de sobra. Isso sem mencionar os ícones culturais e de entretenimento que a arte asiática gerou. Infelizmente Jo Chen não estava mais disponível para responder essa questão. Uma pena porque seria uma boa oportunidade de esclarecer certos pontos com uma artista renomada. De qualquer forma, ela deixou claro que podem haver livros que deteste, mas nunca a forma, o estilo.

Múltiplas influências

Assim como diversos artistas, Jo Chen se inspira com música na hora de criar. “Escuto toda uma variedade de música, dependendo do meu humor. Gosto de Blur, Suede, Crowded House, The Beatles, alguma coisa do pop japonês e trilhas de filmes. Meu ritual envolve tomar café ou almoçar antes de pegar as crianças na creche ou na escola e subir as escadas para o meu estúdio com um dos monitores ligado no noticiário de Taiwan para saber da situação política. É um trabalho árduo, especialmente tendo que gerenciar propriamente o meu tempo. Trabalhar em casa tem sempre muitas distrações então tenho que me manter focada, só então posso cumprir meus compromissos”.

Das outras mídias, um herói declarado de Jo Chen foi o escritor chinês radicado em Taiwan, Bo Yang (1920 - 2008). Tinha uma obra política de destaque, uma vez que fez parte e lutou ao lado do partido Koumintang com



ideais anti-comunistas, nacionalistas e que defendia a unificação da China. Chen nunca teve a oportunidade de encontrá-lo, mas se fizesse, admitiu que não saberia o que dizer a ele. "Já é suficiente amar sua escrita. É muito ruim que tenha falecido. Foi um escritor honesto num período quando honestidade podia te levar à prisão, o que acabou acontecendo com ele. Era muito engraçado também".

Outros autores que a influenciou foi o já mencionado Osamu Tezuka e também Yoshikazu Yasuhiko. "Amo *Black Jack* e *Dororo* e *Gundam* e *Arion*. São algumas das grandes histórias que li e adorei durante minha infância e adolescência". Do lado ocidental, é fã de Norman Rockwell, um dos artistas mais amados da história estadunidense. Ficou conhecido por ilustrações na revista *Life* e, principalmente, nas capas de *Saturday Evening Post*, onde reproduzia figuras de costumes e valores de seu país. "Rockwell é um dos meus favoritos e embora ele não tenha recebido muito respeito de outros artistas 'reais' no tempo que ele pintou suas várias capas do agora icônico *Saturday Evening Post*, ele bem merece sua atual reputação como um verdadeiro e maravilhoso ilustrador e pintor", escreveu Chen num comentário em seu site oficial.

DC, Marvel e Dark Horse

O que motivou o depoimento de Jo Chen a respeito de Rockwell foi uma capa que fez ao estilo dele para um dos números da série em quadrinhos *Buffy, a caça-vampiros*, da editora Dark Horse. Essa é apenas uma das grandes editoras que emprega a artista. Ela faz trabalhos simultâneos para Marvel, DC, Dark Horse, e ainda sobra tempo para atender a editoras menores como a Top Cow, além de atender pedidos de estúdios como a UDON. Além de *Buffy*, Chen empresta seu traço para a série *Runways*, da Marvel, e atualmente trabalha em um projeto que envolve a *Mulher-Maravilha*, pela DC.

As capas de *Buffy* foram aquelas que chamaram atenção definitiva do trabalho de Jo Chen para um público maior, parte por este ser o produto de maior sucesso comercial da editora Dark Horse e figura sempre na lista dos top20 mais vendidos, e parte porque o tempero oriental e ocidental em pinturas caprichadas chama a atenção de tão bonito. É como se Cho tivesse prensado uma cena do seriado no papel e adicionado um cenário maior com alguns quilos a mais de dramaticidade. "Peguei o trabalho em *Buffy* porque

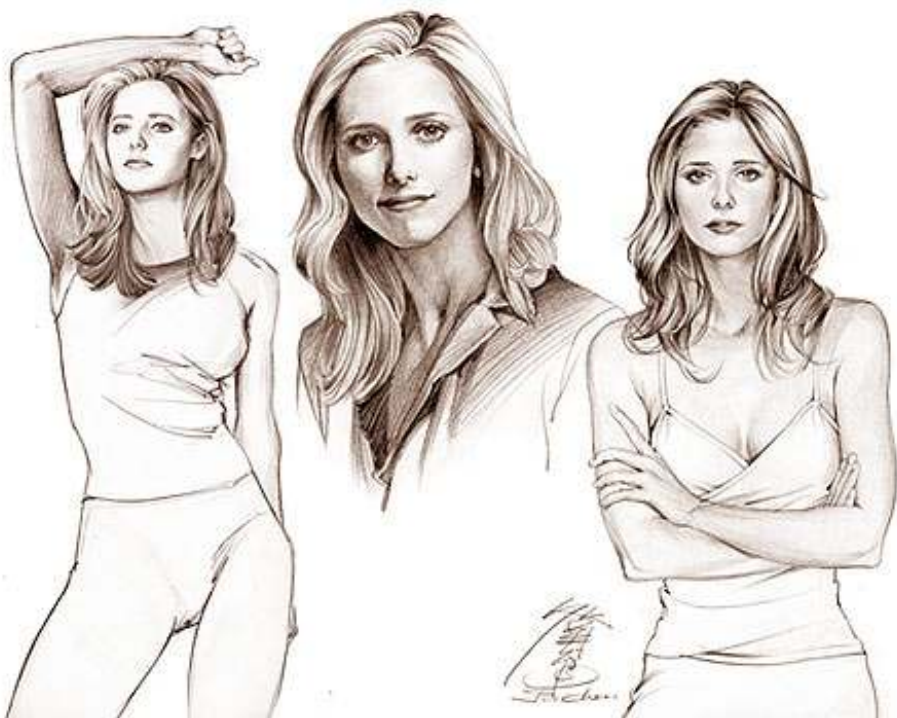


tinha produzido uma ilustração para *Serenity* para Joss (Whedon) e Dark Horse para o lançamento do filme. Joss gostava do meu estilo na série *Runaway*, então pediu para que o editor da Dark Horse, Scott Allie, me incluísse em *Buffy*. Trabalhar para esses caras é muito legal. Scott é um grande editor e Joss é um diretor entusiasta. Grandes sujeitos, os dois”.

A capa nº1 de *Buffy*, por Jo Chen, hoje é um clássico e um pôster autografado desse desenho não sai por menos de 30 dólares no mercado. E ela conseguiu construir uma coleção de outras clássicas da série em quadrinhos. Uma delas, a nº19 chegou a causar alvoroço entre os fãs quando viram a versão má e corrompida da personagem Willow Rosenberg estampado num close arrepiante. “Essa capa foi um sucesso. Parece que mexeu emocionalmente com as pessoas. Você ficou assustada com ela, e outros ficaram excitados com o retorno de Dark Willow na série. Eu não procuro olhar para as minhas capas quando as termino. Como artista, estou muito próxima para ser objetiva. Preciso esperar alguns meses antes de avaliar a qualidade da arte e decidir se gosto ou não”.

Contudo, por mais que tenha provocado o imaginário das pessoas, o rosto de Willow não foi o seu trabalho mais complicado dentro da série. “Às vezes o trabalho mais desafiador é aquele que não tem nada muito dinâmico acontecendo na edição, ainda assim você precisa fazer isso excitante e convincente. A capa nº2 tem Buffy e Xander parados ali, fazendo nada; apenas olhando para o leitor. Mas tive de trabalhar para deixá-los legais, como se eles fossem te bater caso você decidisse não lhes dar nada. E também a capa nº17 foi outro desafio por causa da perspectiva extremada de Gunther embaixo d’água, nadando e perto para ver quem estava o observando através do vidro onde vemos Buffy e Fray olhando para baixo. As duas garotas tinham de estar reconhecíveis apesar do ângulo. Trabalhei duro nessa”.

Com tanto trabalho a fazer e sob contrato com tantas empresas, Jo Chen garante que não se atrapalha com contratos e diferentes políticas de trabalho que cada uma emprega. “Não há muitas regras que preciso suportar. Apenas aquelas óbvias contratuais sobre terminar o trabalho a tempo, pagar as taxas, não mostrar o desenho em público até que a editora autorize. Coisas assim. Na verdade, trabalhar para diferentes editoras é mais sobre ter cuidado com a agenda para então dar a todas as pessoas o meu melhor. Preciso planejar minha agenda meses à frente pra me dar tempo suficiente para completar tudo com margem de erro. A maior parte dessas empresas tem sido ótimas e tenho gostado de trabalhar para elas”.





vigilantes sob o olho da crítica

O diretor Snyder contraria o escritor Alan Moore ao conseguir adaptar com sucesso uma das obras mais complexas dos quadrinhos.

Texto: Leonardo de Moura

Em 1986, os britânicos Alan Moore e Dave Gibbons (respectivamente, escritor e desenhista), apresentaram ao mundo uma obra que muitos definiriam posteriormente como “o divisor de águas no mundo das HQs”: *Watchmen*. A trama da minissérie, situada em 1985, gira em torno de uma conspiração contra os “vigilantes mascarados” e em como eles devem se unir para evitar que o pior aconteça, num mundo sombrio que em nada lembra, por exemplo, a ensolarada Metrópolis de Superman. Mas a história vai muito além disso. Moore inseriu nela milhares de citações à filosofia, história, cultura pop e política (para citar apenas

alguns campos por onde *Watchmen* se arrisca), entremeadas por metalinguagem e com um desenvolvimento incrivelmente bem trabalhado das características psicológicas de cada personagem.

Em *Watchmen*, não há o bem ou o mal absoluto. Seus personagens são essencialmente humanos, compostos por “escalas morais” de cinza, nunca o preto-ou-branco quase maniqueísta que costumamos ver nas HQs de super-heróis tradicionais. O termo “super-herói”, inclusive, é substituído por “vigilante mascarado”. Num mundo onde pessoas comuns resolvem se fantasiar para combater crimes reais e onde o único ser com poderes sobre-humanos equivale a um deus cada dia mais alheio à humanidade que o cerca e às suas vicissitudes, Moore e Gibbons nos brindam com um universo complexo onde a simples existência de heróis fantasiados traz graves implicações para a sociedade, quase sempre negativas.

Agora que foi transportada para os cinemas, o grande público poderá tomar contato com um mundo já há muito conhecido pelos apreciadores de bons quadrinhos. O diretor Zack Snyder, famoso entre os leitores por já ter adaptado de modo eficiente outra HQ (*300*), tinha pela frente o desafio de agradar aos fãs mais fervorosos da obra de Moore e Gibbons, e ao mesmo tempo cativar um novo público com uma história que pode

ser definida como sendo, no mínimo, complexa.

Obviamente, não se pode inserir na linguagem do cinema todos os elementos presentes nos quadrinhos, precisamente por se tratarem de mídias diferentes. Mas Snyder conseguiu um bom resultado, sendo fiel à essência da obra original quando alguma adaptação mais drástica era necessária (como, por exemplo, o final da HQ e do filme, que são diferentes, sendo essa uma decisão ousada, porém acertada, do diretor e roteiristas da película). Os movimentos que se iniciam em câmera lenta e em seguida são acelerados repentinamente, recorrentes em *300*, também estão lá. A complexidade da história e as relações dos personagens entre si, guardadas as devidas diferenças entre as duas mídias, também marcam presença.

Moore, ao escrever a minissérie ainda na década de 80, declarou que a havia feito de modo que não pudesse jamais ser filmada. Snyder conseguiu romper com este “tabu” de modo competente. O grande mérito de todo o conjunto da obra reside exatamente no fato de que *Watchmen* não pode ser apreendido de uma única vez, seja lendo ou assistindo. É preciso adentrar este mundo complexo diversas vezes, e a única certeza é que ele nunca será menos fascinante do que era da última vez que o visitamos.

marcas registradas da vida



Marcelo Leite

Outro dia decepcionei minha mãe. Não naquele sentido que você escolhe não fazer medicina nem direito, não. Foi algo bem mais simplório, dessas coisas q você nem se dá conta pq faz naturalmente, mas olha pro lado e saca o olhar. Foi um inócuo "me vê um Toddynho e um pão de queijo, por favor", quando deixamos o escritório para um lanche no café do prédio.

Eram aqueles mesmos olhares que me condenavam pela televisão parada no Cartoon Network, pelas pilhas de DVDs de animação japonesa, pelas pecinhas de lego q de vez em quando apareciam espalhadas. E quase o mesmo grau de decepção de quando eu rio assistindo ao Chaves. As meninas do café não questionavam mais o meu Toddynho, já tinham feito graça disso da primeira vez, algum tempo atrás, quando eu pedi e me falaram que só tinha o Nescau Pronto. Claro que eu recusei, aquilo ali é um lixo.

O fato é que aquele olhar foi de um julgamento tal que eu realmente por alguns instantes pensei estar fazendo algo errado. "Na sua idade tomando Toddynho?" Ela nem precisava dizer, eu tinha certeza do que queria me perguntar, ali. A tensão era clara. Por trás daqueles olhos, contabilizava todos os anos pagando por educação privada, colégio caro, cursos de línguas, o eventual esporte

(por pilha), faculdade particular... e o cara chega aos 27 um debilóide que toma Toddynho e tem gosto duvidoso para entretenimento televisivo enlatado do México? Decepção, realmente.

O correto possivelmente seria pedir um café... mas eu tinha acabado de tomar um, no escritório. Talvez uma Coca-Cola? Sei lá, não tava com estômago pra refrigerante, sabe? E não é que o achocolatado me faça bem, mas refrigerante tão cedo? Sei lá, né. Só sei que estava a fim e pedi, não foi coisa de muito raciocínio. Sou do tipo que se a Gillette ainda corta, a Bic ainda escreve e a Xerox tá legível, por quê mudar? Dizer que estou crescendo é válido pra uma coisa só, supostamente? Hábitos alimentares, sério?

Juro que não deixou de ser gostoso. Nem o Toddynho nem o bolo Ana Maria de doce de leite. E além de terem aquele sabor que eu me lembro, ainda trazem o sabor da infância. Síndrome de Peter Pan? Provavelmente, devo mesmo ser seqüelado com isso. Ligar eu não ligo. Mas ali, naquela hora, precisava convencer a progenia que tudo o que ela pagou criou um debilóide pra lá de competente com todo o resto. Tinha que tomar uma atitude.

— Manhê, deixa meu Toddynho em paz!

algo sobre paul

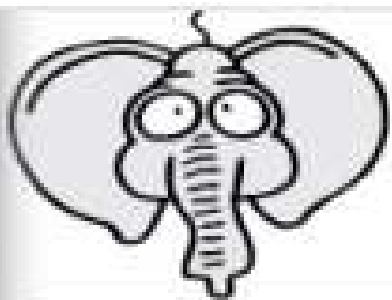
Nilson Ribeiro

Certas coisas, fatos, pessoas exercem um poder secreto e inevitável sobre lugares desconhecidos de nosso inconsciente. Acredito muito nisso. Em algum momento, no final de 2008, ouvi, li ou assisti algo sobre uma possível apresentação de Paul McCartney no Brasil ainda em 2009. Essa informação ficou armazenada em algum lugar nos improváveis vácuos entre os meus núcleos incandescentes dentro do universo inescrutável de minha mente. Até que dias atrás, pela internet, recebi de uma amiga uma suposta "gravação rara" de *Get Back*, feita pelos Beatles, nos meados de 70. Assisti e repeti a dose diversas vezes na telinha do notebook. Para resumir minha paixão pelos caras talvez baste dizer que tenho a coleção completa da obra. No meu MP3, em CD e vinil. Imediatamente me veio à lembrança a informação da provável apresentação de Paul no Brasil e saí à caça por informações no mundo da internet. Frustrou-me saber que ainda não há data marcada e sequer a confirmação de que o show vai mesmo rolar. Contudo, após entrar na busca por informações sobre a apresentação, me vi navegando por sites sobre Paul McCartney. Revisitei toda a história de sua suposta morte em 68, as complexas conexões com as capas de *Stg Peppers* e *Abbey Road*, os desmentidos e tudo mais. Para quem não conhece muito da história dos Beatles, Paul foi dado como morto por uma parte marrom da mídia inglesa, no ano de 68. Ele teria sofrido um acidente de carro. Como os Beatles eram febre mundial, a Apple (gravadora da banda) teria arranjado um "clone" de Paul, que chegou a ter codinome "Billy Shears", para ocupar a vaga, sem que ninguém soubesse. Os indícios dessa história teriam aparecido nas capas de *Sgt Peppers* (que representaria um funeral, com um contrabaixo de flores com apenas três cordas ao centro, etc etc etc) e no *Abbey Road*, onde Paul é único a atravessar a rua de branco (cor com

o qual os mortos eram enterrados na Inglaterra), com o passo trocado etc etc etc... Há ainda os que acreditam que o que ainda está aí, aos 65 anos, compondo e cantando, não seja Paul, mas seu clone. Como há os que acreditem que o homem nunca pisou na lua, ou que o Vietnã é invenção americana. O escritor inglês Lewis Carrol, autor de *Alice no País das Maravilhas*, dizia: "acredito em meia dúzia de coisas improváveis antes do café da manhã". Eu, particularmente, também gosto de acreditar em coisas impossíveis. O caso da morte de Paul não é certamente uma delas. Mais fácil acreditar que John Lennon ainda vive, com George Harrison, em alguma caverna na Índia, cantando mantras ao som da cítara de Ravi Shankar. (Por falar nisso, quem ainda não assistiu *Concert For George*, produzido por Eric Clapton, está perdendo um dos mais fantásticos DVDs que já vi. Vale ver a versão completa, com a peça escrita por Ravi Shankar abrindo o show. É imperdível.). Contudo, o mais interessante dessa longa história é que, desde que recebi o vídeo de *Get Back* não consigo parar mais de ouvir Beatles. Coloquei todos os CDs no carro e vou trocando. Fora do carro, aciono o MP3. Em casa, solto as bolachas chiadas no meu velho Sansung-Garrard-Gradiente. Delicium-me as canções e todas as lembranças que me trazem. Só os apaixonados por Beatles sabem o que estou falando. E, se Paul realmente vier, se vier, quando vier, lá estarei eu novamente, tamborilando no coração coisas como *Hey Jude*, *Let it Be* e *My Love*. Torço para que realmente venha ao Brasil. Porque se não vou ter que correr atrás de Paul em algum lugar mais próximo do Brasil para vê-lo ao vivo uma última vez o cara. É um Beatle. É um poeta que marcou a história da minha vida. E essa última turnê eu não perco. Nem que eu esteja mesmo enganado e veja só o clone do cara.



de zine para e-zine



ELEFANTE BU

um zine eletrônico sobre música e Pato Fu

Marcelo Lemos foi o maior responsável pela migração do Elefante Bu para a internet e, pensando bem, pela continuidade do projeto. Analise: que motivação teria em continuar um zine impresso, gastando dinheiro com xerox, e que tinha alcance nulo? Quando Lemos sugeriu montar uma página na internet, a princípio relutei porque não tinha condições de pagar provedor e muito menos sabia mexer nos programas necessários para fazer uma. E depois havia a tal insegurança da exposição, de colocar a cara à tapa para pessoas fora do meu restrito círculo de amizade. Lemos, no entanto, falou centenas de “deixa de ser boba, o zine é legal” e outras dezenas de “pode deixar que eu te ajudo” até me convencer.

O Elefante Bu ganhou o mundo virtual em maio de 2000, exatamente um ano depois da criação do projeto. Era uma página bem construída pelo Lemos, simples de navegação, visual limpo e bonito. O conteúdo, a princípio, era uma adaptação daquilo que já existia na versão impressa. Era todo dividido em seções, sendo que a principal trazia notícias do Pato Fu. Outras eram de interpretação e comentários das canções da banda, FAQ onde pegava as perguntas e respostas mais frequentes de entrevistas cedidas à imprensa. Uma chamada “Ligação” falava de outras bandas que de alguma forma tinha alguma coisa em comum com os Patos. A princípio, tudo era relacionado à banda musa inspiradora, mas acho que foi justo nessa parte da “ligação” o início da “desconexão”.

O que é importante para qualquer site na internet? Atualização! Lemos e eu combinamos que o site deveria ser alimentado com coisas novas quinzenalmente. Eu produzia todo o conteúdo, mandava os textos e as imagens, e ele colocava no site. Era o webmaster, em outras palavras. O problema é que o Pato Fu não apresentava novidades quinzenalmente e não

demorou muito a chegarmos a conclusão que ficaria difícil sustentar nossas metas apesar de ter criado alguns recursos para que o trabalho não parasse. A solução imediata foi abrir espaço para falar de outras bandas e assuntos. A princípio foi por meio da “Ligação”, mas em um segundo momento foi preciso falar a respeito de gente que não tinha a menor relação.

Surgiu a “Indicamos”, que era um monte de resenhas de discos misturadas com a história superficial da banda ou artista solo, ou seja, a forma mais fácil e simples. O lance é que não demorou muito e essa coluna passou a virar a base de novos conteúdos do site. Ali o Elebu deixou de se definir como “mais um zine sobre o Pato Fu” e adotou o novo slogan “um zine eletrônico sobre música e Pato Fu”.

As primeiras bandas “de fora” que apareceram, olha que interessante, foram Penélope e Autoramas, além de Arnaldo Antunes. A banda do Gabriel Thomaz e do Bacalhau teve participações interessantíssimas ao longo desse tempo a ponto de merecer uma seção exclusiva, tal como a do Pato Fu. Na época não tinha a menor noção que isso viria acontecer. Talvez coincidências não existam, afinal.

O “Indicamos” também representou foi o início da virada do Elebu para a cena indie nascente no Brasil. Contudo, o evento definitivo que deixou o Pato Fu em segundo plano a ponto das pessoas não reconhecerem mais o Elebu como um zine sobre eles, aconteceu com a entrada de um terceiro elemento na equipe. Essa história fica para a próxima edição. [D.A]



ligação fu - karnak

A primeira opção e também a mais óbvia do início dessa seção era o Karnak. Na época do lançamento do site e também de todas essas novidades em relação ao zine original, o Pato Fu estava começando o trabalho de divulgação do disco *Ruído Rosa*, com participação de André Abujamra e Maurício Pereira. A amizade entre a banda e o artista era algo que fluía para fora da esfera pessoal e chegava até os fãs.

KARNAK

Ligação Fu.

Fernanda Takai definiu, numa enquete realizada pela revista MTV, que, para ela, um dos três maiores encontros da música brasileira foi do Karnak e Pato Fu na música *Capetão 66,6 FM* do disco *Tem Mas Acabou*. A ligação entre essas bandas vai muito além. Há um extenso histórico de trocas de informações e participações em trabalhos. Por isso mais alguma coisa, Pato Fu e Karnak são consideradas bandas irmãs.

Entre os crossover entre Pato Fu e Karnak pode-se destacar a produção do disco *Tem Mas Acabou* realizada por André Abujamra. As participações do próprio André, Hogo Hori e Marcos Bowie na música *O Peso das Coisas* e em mais algumas faixas do *Tem Mas Acabou* são outros crossover. O Karnak marcou presença nas músicas *Licitação* e *Spaceballs* do *Televisão de Cachorro*. O Pato Fu participou do segundo disco do Karnak na faixa *Rapaz, Eu Já...*

As bandas formaram um time de futebol tradicional em levar para casa derrotas históricas no programa *Rock e Gol*. André Abujamra ainda participou do disco *Ruído Rosa* na música *Day After Day* junto com seu ex-companheiro dos Mulheres Negras, Maurício Pereira, e no vídeo clipe *EU*.

Sobre o Karnak.

A banda começou sua trajetória em 1992. Reunidos por André Abujamra (voz, guitarra), Marcos Bowie (trompete, voz), Kuki Stolarski (bateria), Hugo Hori (sax, flauta, voz), Sérgio Bartolo (baixo) e Eduardo Cabelo (guitarra) e Lulu Camargo (teclado) fizeram as mais inusitadas canções. Misturam sonoridades diversas e cantam em muitas línguas, entre elas, o idioma karnakiano. A banda nunca assinou contrato com grande, o que pode ter sido uma enorme vantagem pois não sofrem interferências de mercado. Mostraram que era perfeitamente possível fazer uma música completamente fora dos padrões e acessível, ao mesmo tempo. Karnak foi a banda revelação no VMB de 1996. Lançaram o disco *Original* na Europa em 1999 com remixes e faixas dos dois primeiros trabalhos. Um característica interessante, são os inúmeros ruídos nas



músicas e vinhetas entre uma faixa e outra. Por isso, se não ouvir a canção até o final, pode perder detalhes muito interessantes. Karnak também é uma banda de bons vocais. Raro.

Discos Fundamentais.

Karnak – 1996
Universo Umbigo – 1997
Estamos Adorando Tokio – 2000

Músicas Essenciais.

Comendo Uva na Chuva; Alma Não Tem Cor; In Alabama; Rapaz Eu Já; Estamos Adorando Tokio; Juvenar.

Verso que Resume Tudo.

“A gente se sente... a gente se sente diferente”
Comendo Uva na Chuva – canção do disco Karnak